

OBRAS COMPLETAS

TEIXEIRA DE PASCOAES

# O POBRE TOLO

(ELEGIA SATÍRICA)

6.º VOLUME

(EDIÇÃO DO AUTOR)



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS - LISBOA



Ao Fernando Pessoa,  
 querido e grande camarada,  
 lembranças afectuosas de

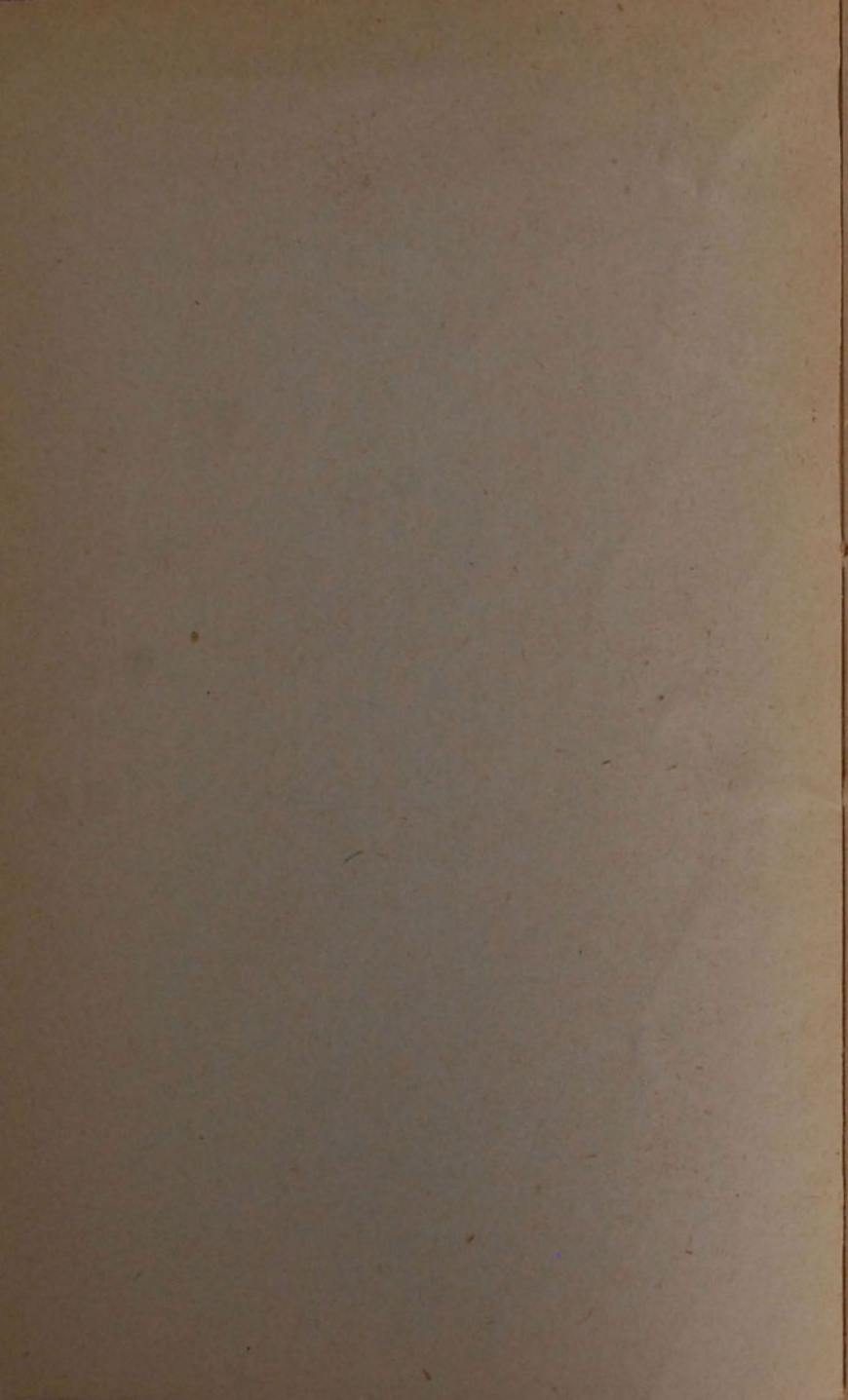
Lisboa

1931

Maio

3

Teixeira Soares



O POBRE TOLO

(ELEGIA SATÍRICA)

## OBRAS COMPLETAS DO AUTOR

---

### EM VERSO

- Vol. I — SEMPRE, TERRA PROÍBIDA  
» II — AS SOMBRAS, O DOIDO E A MORTE, SENHORA DA NOITE  
» III — CANTOS INDECISOS, VIDA ETÉREA, ELEGIAS  
» IV — MARÁÑOS  
» V — REGRESSO AO PARAÍSO  
» VI — O POBRE TOLO  
» VI (a) — D. CARLOS, CÂNTICOS, LONDRES

### EM PROSA

- » VII — VERBO ESCURO, A BEIRA (NUM RELÂMPAGO)  
» VIII — O BAILADO  
» IX — ARTE DE SER PORTUGUÊS, CONFERÊNCIAS E ARTIGOS  
» X — OS POETAS LUSÍADAS  
» XI — LIVRO DE MEMÓRIAS

O B R A S   C O M P L E T A S

---

TEIXEIRA DE PASCOAES

# O POBRE TOLO

(ELEGIA SATÍRICA)

6.º VOLUME

---

(EDIÇÃO DO AUTOR)



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS - LISBOA

929

*Desta edição tiraram-se cem exemplares em papel avergoado da Abelheira, numerados e rubricados pelo autor.*



O POBRE TOLO  
(ELEGIA SATÍRICA)



I

Na tua velha ponte, São Gonçalo,  
Contempla um pobre tôlo as duas margens  
Do Tâmega.

Dum lado, a velha igreja,  
O Largo, a tôrre, em pedras de granito;  
Pedras que, ali, ficaram, para sempre,  
Outrora, adormecidas pelo canto  
De rústicos pedreiros.

Do outro lado,  
A cavernosa rua do Cuvêlo  
Que vai findar nos antros de Plutão.

Extasiado, parado, o pobre tôlo  
Contempla as duas margens, que se elevam  
Em sombrios outeiros, dominando  
Antiquíssimo burgo; e, neles, paíra,  
À tarde, quando as nuvens entristecem,  
Etérea côr lilás e vaporosa.

E o tôlo voga nesta luz de sonho  
Que anima os ermos montes e os penedos

De entorpecido espírito sonâmbulo,  
Sem consciência nem remorsos...

Scisma,

Alheado, nos braços da chimera.  
Da sua humana e mísera presença,  
Apenas percebemos, sôbre a ponte,  
Como um reflexo vago... Evaporou-se  
Em brancas mágoas. Tem um ar distante  
E uns olhos agoirentos, a espreitar  
A noite silenciosa...

São dois olhos,  
Duas grandes orelhas e um esguio  
E ridículo vulto arripiado :  
Uma caricatura da Elegia.

## II

Sôbre a ponte, deliras, devaneias...  
Scismas, falas contigo, falas alto...  
Envolves-te num fumo perturbante.  
Foge-te a alma em lívidas palavras.  
Desejas dominá-la, e condensá-la  
Em perfeita e real architectura.  
A névoa em que trabalhas, não sustenta  
As formas que lhe imprimes; e ondulado  
Apaga-se, por fim, no céu azul.

Chamam-te duas vozes. Para quê?  
Não te decides nunca. Não resolves  
Tomar um rumo definido. Hesitas...  
A contrárias tendências obedeces,  
E te vais conservando no equilíbrio,  
Instável, doloroso, em que resistes  
À tentação do Abismo...

E um pobre tôlo  
Aparece na ponte, sôbre o Tâmega.  
Aparece, contempla as duas margens;  
O Largo, o templo, a vila de Amarante,  
Que é simples fantasia dos poetas,  
Bordada a contas de oiro, na penumbra...  
E a plutónica entrada do Cuvêlo,  
Um terceto fantástico, onde as rimas  
Sôam como latidos do Cerbero!  
Contempla as duas margens... Visiona  
Outras longínquas terras, para além  
Das montanhosas cristas derradeiras...  
E a Senhora da Graça, no seu píncaro,  
Que se eleva, sòzinho, lá no fundo  
Da abertura do vale...

### III

Inquieto, scismas.  
Existes como as pedras, e também  
Te libertas num ímpeto sensível,

Em que teu sêr, de enorme altura, abrange  
As paisagens do mundo, aprisionadas  
Em relevos de bronze que se impõem  
E, ao mesmo tempo, fogem, descrevendo  
Enevoado círculo distante...

Vives, mas de que serve a tua vida?  
Não és a tua vida, o teu fantasma,  
Aéreo viandante. Ficas sempre  
Prêso à tua existência de esqueleto :  
Pétrea cruz em que estás crucificado.  
Se andasses por onde anda a tua alma?  
Impossível! A alma nos despreza!  
Conhece a terra, os deuses e não diz  
Uma simples palavra! Que silêncio!  
Mas, também, no silêncio é que se criam  
Murmúrios vagos, ilusórias vozes,  
Que a loucura divina dos Poetas  
Converte em claros sons articulados,  
Medidos e rimados, que adormecem  
As crianças de tôdas as idades!

#### IV

Assim divaga, triste, o pobre tôlo,  
No meio duma ponte, sôbre um rio,  
Que, nas noites de inverno, se enfurece!

E dá roucos bramidos, porque tem  
Fome de carne viva! O rio brame  
Contra os pègões de pedra inabaláveis!  
Deitam-lhe um animal. O monstro acalma  
O seu furor de velho Deus que teima  
Em não morrer! Não morre! Os deuses são  
Eternos; adormecem, mas não morrem.  
Júpiter ronca ainda nos trovões!  
Anúbis ladra ainda, às horas mortas,  
E o Pégaso galopa sôbre as nuvens...  
E a voz da tua fonte, ao luar de abril,  
Sai dum perfil de Ninfa. Tu conversas  
Com ela, à luz do luar. Os dois conversam,  
À luz do luar: a Deusa e o pobre tôlo...  
E o boi Apis, tão negro, muge ainda  
Aos teus ouvidos! E, medroso, tremes,  
Como se fôras voar naqueles chifres,  
Abrasados de lume, resplendendo,  
Na escuridão das eras apagadas!  
Mas sê da tua época. Socega;  
E vai, de feira em feira, transmutar,  
Em boa moeda, a carne fabulosa  
Dos bichos, que os Poetas conceberam.  
Não serias um cómico espantalho,  
Que faz sorrir os pássaros... Serias  
Um homem de juízo... Mas a lua,  
Do teu divino espectro abandonada,  
Ficaria mais triste e mais deserta,  
Dando um luar mais frio...

## V

Tu não ouves  
O que eu digo. Detestas o Bom Senso  
É detestas o freio, pois também  
És um gerico, um místico animal,  
Dumã tão branda e etérea estupidês,  
Que, sôbre as nuvens, trotaria, como  
Sôbre as pedras da ponte... És um jumento  
Perdido neste mundo ; mas a tua  
Sombra humana, nos astros, se projecta.  
És uma grave e trágica pessoa,  
Perante os deuses ; e, perante os homens,  
Um lanzudo e ridículo fantoche,  
Com duas asas, na cabeça, atentas  
Aos murmúrios doirados do crepúsculo.  
De pêlo te cobriste, porque, enfim,  
Tens pena de ti mesmo, e te proteges  
Contra o rigôr dos ventos. Essas asas,  
Que hoje te enfeitam a cabeça, outrora,  
Usava-as, nos seus pés, o deus Mercúrio.  
É essa branca loucura em que desvairas,  
É também uma deusa, irmã de Febo.  
Lá vem, de Trás-os-Montes, à tardinha,  
Tôda envolta no gélido fulgor  
Da sua virgindade sepulcral.



O luar, a idiotia... a mesma luz  
Fosforescente, abstracta, prateando  
As lágrimas e as nuvens...

## VI

## A loucura

Touca-se de jasmins e bem-me-queres,  
E lembra a Primavera... Inclina a fronte,  
Pulveriza-a de cinza, é já o outono.  
As orelhas lhe crescem, ganha pêlo,  
E volve, para a lua, o melancólico  
Focinho, e és tu, meu pobre tolo! És tu,  
No meio duma ponte...

## Devaneias,

Visionas, ao longe, etérea Dama...  
Entrevê-se nas nuvens do poente.  
Vôa, atrás dela! O zéfiro da tarde,  
Beijando-te na cara, transmitiu-te  
O dom aéreo de voar, sonhando...  
Persegue a tua dama, irmã das nuvens!...  
Uma nuvem? Que importa, pobre tolo?  
Não és tu como o zéfiro da tarde?  
Vésper tem outro brilho, quando passas...  
E os verdes ramos trémulos desenham  
A tua silhueta fugitiva...

È os teus murmúrios pálidos evocam  
A noite que aparece; e as tuas azas  
Ou se orvalham de estrêlas scintilantes  
Ou ficam tôdas brancas de luar...

Não és tu como o zefiro da tarde?  
Corre atrás dessa nuvem! Não descances!  
Vôa, num desespêro! Hás de alcançá-la,  
È terás uma deusa, nos teus braços!

## VII

O tolo fala e não se cala. Agita-se  
Num sonho perturbante, em que êle mesmo  
Se vê, desfeito em bruma, procurando  
Definir-se num ente já liberto  
Das fraquezas da carne transitória.  
Assim tentamos reintegrar a nossa  
Pessoa decaída e envelhecida  
Nos elementos primordiais, divinos.  
Neste absurdo desejo deliramos!  
E quási, delirando, o convertemos  
Em realidade viva!

O tolo fala,  
No seio duma nuvem. Quer vencer  
A confusão, e apenas entremostra,  
Numa clareira azul, o seu perfil.

Logo, um sorriso escorre na penumbra ;  
E a paisagem se esboça, num tumulto  
De escurecidas formas que perderam  
A materialidade e a nitidez.

Mas a nuvem refaz-se. O pobre tolo,  
Num ilusório turbilhão se afunda.  
Sufoca, reage e volta à superfície.  
Esconde-se e aparece. Ao mesmo tempo,  
Desperta e devaneia. Scisma, vôa.  
Anda através do espaço indefinido,  
E ocupa sempre o mesmo sítio. Está  
Sentado numa pedra, e a sua fronte  
Mágica, além dos astros. Para quê?  
De nada se recorda, nada sabe.  
Descobre a velha ponte de granito  
E outros brutos relevos da matéria...  
Só um fio de sonho cristalino,  
Onde o sol brinca, acêso em mil fulgores,  
Como a serpente edénica, desliza,  
Sob os três grandes arcos. Fio verde  
Que desliza, risonho e prometendo  
O sol a tôda a gente... Mas o tolo  
Não acredita na promessa ; é velho  
Adão desiludido...

Atemoriza-o

O verde fluido alegre e coleante...  
Bem o vê, à noitinha, escurecer,  
Tomar a côr das lívidas funduras.  
E quando vem a lua remirar-se

Naquele vago espelho tenebroso?  
Luminosa caveira se retrata,  
Na tinta enegrecida, lá em baixo.  
Causa terror! O tolo apavorado  
Olha a sombra da ponte que flutua: / e  
Outra ponte, mais leve do que as águas,  
Tôda erigida em plena Irrealidade.

## VIII

Passam, através dela, as horas mortas.  
Passa a imagem do tolo. O tolo vive,  
Sôbre a ponte de pedra; e é já defunto,  
Numa ponte chimérica e ilusória,  
Feita em sombra de pedra, comó as negras  
E infinitas abóbadas do Inferno.  
E, medroso, contempla o fundo abismo,  
Onde a cáveira trágica da morte  
Tem um branco sorrir fosforescente.

## IX

E o pobre tolo treme, apavorado.  
Aumenta-lhe, na face, a palidez.  
Pronuncia palavras enigmáticas,  
Pesadas dum sentido que desperta,

E vai romper as trevas, como as almas,  
Que, em sua flor de carne, desabroçam...

E nas suas palavras geme o vento,  
Que sopra do deserto e queima as fôlhas...  
E nos seus pensamentos se acastelam  
As nuvens do Marão...

E o tolo scisma...

Entranha-se no escuro, scisma... Apenas  
Se lhe percebe a linha do perfil,  
Riscada, na penumbra luarenta,  
Por fantásticas mãos alucinadas.

Uma silhueta de luar, pasmada  
Num silêncio de luar... a idiotia  
Pintada a branco pelo medo...

E o tolo

Vê que seu vulto humano se desdobra  
Em outro que aparece, diante dêle...  
*Quem és tu?* mal se atreve a murmurar.  
Mas o fantasma não responde. É a sombra  
Dum pobre tolo, a imagem negativa  
Dum tolo, a confundir-se com as brumas  
Do rio, vagas manchas de esplendor,  
Neblosidades de almas que hão de ser...  
Para que a raça heroica dos malúcos  
Se perpetue no tempo e nesse reino  
Da Fábula, cantado por Homero.

E teme a própria sombra, como teme  
O silêncio das cousas e a penumbra  
Em que elas, abismadas, se indefinem  
E alcançam as alturas, onde os sonhos  
Genésicos da infinda Criação  
Emitem brando alvor arrefecido.

## XI

Tôdas as cousas da Natura, ocultas  
Na sombra do mistério que alvorece,  
Dir-se-há que nos espreitam, quasi surgem...  
Mais um pequeno esforço ; e, de repente,  
Perante nós, seriam, como Deus  
As fêz, naquele Instante sempiterno!

Em certas grandes horas espantadas,  
Num ai de luz, as cousas se revelam...  
Mas sómente nos deixam da visão,  
Divina e milagrosa, nem eu sei  
Que ideal deslumbramento, na memória!

E êste deslumbramento, pobre tolo,  
É o mais a que tu podes aspirar.  
Ilumina-te a fronte pensativa,  
As lembranças queridas e a paisagem

Que, aos teus olhos ingénuos de criança,  
De encantada, mostrou a própria alma.  
E logo, alvoroçado, a comungaste ;  
E, em ti, ficou vivendo e padecendo ;  
E nela, então, ficaste sepultado  
E vivo, — que, em seus montes, pelo outono,  
Teu scismático e lívido fantasma  
Anda, como se tu já fôras morto.

És morto e vivo. No teu ser, floresce  
Aquela ceregeira de outros tempos...  
E nele esvoaça etéreo passarinho,  
Que, no teu pensamento, continua  
A cantar e a voar, como perdido...  
E paira, sempre à flor das tuas máguas,  
Aquela névoa, dolorida e abstracta,  
No derradeiro hálito da luz...

És a Lucrecia, o António, o Cipriano  
E a louca, a falar só, de Tardinhade,  
No seu velho solar da meia noite.  
E és o senhor Gonçalves, muito esvelto,  
Das velhas elegâncias em desuso...  
E o toque das Trindades e a Gertrudes,  
E a branca Eleonor, espectro de anjo,  
Remoto, vagueando ao luar de outrora.  
E outros seres ainda, que se afastam  
E apagam, nas neblinas da distância.  
Figuras e figuras, sacudindo  
A poeira que as encobre, mas não saem

Das manchas indecisas... que tortura!  
Debatem-se nas trevas (bem as sinto!)  
Tentando, como naufragos, subir  
À flôr das negras águas esquecidas.

## XII

Representa o teu drama, pobre tolo!  
Existe e vive! Cumpre o teu destino  
De saudoso poeta e de maluco  
E de anjo e de animal irracional!  
Orneia, de inspirado, ao sol que nasce,  
Murmura lôas ao luar... Orneia,  
Murmura, mas não fales, porque os deuses  
Ouvem gritos, gemidos e soluços,  
Mas não ouvem as nossas orações...

Vai, cumpre o teu destino. Existe e vive!  
Que tu sejas um grito, no silêncio,  
Uma estátua de pedra, no deserto!  
E, no negrume universal, um tôlo  
Em chamas, a cantar para ninguém!

## XIII

Viver é muito mais do que existir.  
Mas a existência e a vida serão tudo?



Não, que a sombra de Deus a pressentimos  
Além da vida e da existência, além  
Do infinito do nosso pensamento...

## XIV

A luz da aurora, o tólo, mais sereno,  
Contempla o rio e as margens pitorescas ;  
Leiras, verdes encostas, pinheirais,  
Choupanas que se casam com a terra  
E modernos *chalets* divorciados...  
E as *horas encarnadas* que transitam,  
Na ponte, fustigadas pela dôr  
E por outros fantasmas, sempre àlerta,  
De chicote nas garras...

Vão passando,  
Umás, ligeiras ; outras, vagarosas.  
Esta, scismando, pára. De repente,  
Aflige-se de todo ! Quer matar  
O tempo ! Quer matar-se !

As *horas vivas*  
São espaços de tempo, condensados,  
Libertos e animados, pelo esforço  
Dum deus ou dum demónio...

E vão passando,  
Imponderáveis quási, sôbre a ponte,  
Mas desgastando o empedernido solo...

Passa o *Tranca*, o *Zé Bento* e o *Zé Celeiro*,  
Os três caudilhos da Graçola... É que êles  
Foram, em outra idade e noutro sexo,  
As três Graças cantadas por Ovídio...  
Passa o *José do Egito*, um pobre trôlha:  
Como é feio e raquítico! Chegou,  
Neste mísero estado, aos nossos dias...  
Êle, o *José do Egito*! Um sedutor  
De quem a Bíblia fala, convertido  
Num mono, que afugenta as raparigas!  
Êle, o *José do Egito*, há três mil anos  
E o *Zé trôlha* de agora! Uma comédia!  
Passa o *Joaquim moleiro*, antigo amante  
Da deusa *Diana*, à frente do jumento,  
Carregado de foles, abanando  
As lanzudas orelhas empoadas.  
E passa o *Custodinho* e a sua cabra,  
*Amaltêa* de nome, que, na terra,  
Deu de mamar a *Júpiter bebé*...  
Passa o *Môcho* mendigo. Implora, reza  
E tropeça nas pedras dos caminhos...  
E teve negras asas e voava!  
E, nas moedas de Atenas, figurou,  
Todo gravado em oiro, a scintilar!  
E passa a *D. Flora*, com um mólho  
De couves, à cabeça. E a *D. Céres*,  
Com um cêsto de espigas e a foicinha,  
Onde o *senhor Apolo* fere os dedos...  
Passa o pobre *Cupido* depenado,  
Velho, cheio de rugas, e uma calva,

Tôda cercada de cabelos brancos...  
Passa a velha *Maneta*, a quem roubaram  
Os dois braços de pedra, inimitáveis...  
E assim vive dos braços que lhe faltam.  
Implora a caridade, numa voz  
De fluído som brumoso, em que aparece  
O mar azul das ninfas e sereias.  
E passa o *Barejão*, ex-companheiro  
Do deus Neptuno, o arauto das borrascas,  
Soprando ao córneo búcio que atroava  
As infinitas solidões do mar!  
Mas, hoje, o pobre doido simplesmente  
Levanta borborinhos de chapéus,  
Em dias de arraial. Joga o cacête,  
Quebra cabeças, profanando os templos  
Sagrados da memória! Êle, que foi  
Um deus! lá vai sentar-se, cabisbaixo,  
Perante um homem, ríspido e severo ;  
Aquele *doutor Minos* desterrado  
Do tribunal da Fábula pagã  
Para a triste comarca de Amarante.  
Passa o *Francisco*, encarvoadado e magro ;  
Vem dos antros de Pluto ; e vive, agora,  
Na rua do Seixedo. Compõe brocas,  
Sacholas, picaretas e cinzéis...  
Êle, que, em outros tempos mais divinos,  
Só forjava coriscos e relâmpagos!  
Passa o místico *Abel* e a sua infância  
Longínqua de pastor. Conserva ainda,  
No pescoço, o vestígio derradeiro

Do golpe fraticida, reduzido  
À cicatriz antiga duma escrôfula...  
Passa a gorda *Joana* cozinheira  
Que, outrora, o deus do Inferno arrebatou ;  
Aquele deus que mora no Seixêdo,  
Entre a bigorna e a forja fumarenta.  
Joana! Pobre viuva dum Titan!  
Sempre a fritar sardinhas, com os pés  
Metidos nas chinelas descosidas ;  
E com três rêpas sujas de cabelo  
Na testa besuntada que transpira...  
E passa o nédio *Casimiro*. Vem  
Da feira de Bisâncio. Traz, nas mãos,  
Uma navalha enorme, a escorrer sangue!  
Corre-o à pedrada o mês de maio! E ralha,  
Ribomba e relampeja! Mas o nédio,  
Pesado *Casimiro* se defende  
Das iras da Criação, no ar, abrindo  
Um simples guarda chuva...

Passa a *Emília*,

Uma ninfa mendiga e centenária ;  
A antiga ninfa *Quercus*, a mostrar  
No maltratado rosto carcomido,  
Uma espécie de casca de carvalha ;  
Uma tara divina, que os doutores  
Da sciência infalível consideram  
Não mais do que um produto da velhice.  
Passa o negro boi *Ápis* para o açougue ;  
Passa a *Loba* romana, uivando, à lua,  
Os versos de *Lucrecio* e de *Vergílio*...

É o caricato e triste *Rocinante*,  
Com um gigante estúpido, a pesar-lhe  
Na ressequida espinha e nas costelas...  
É relincha, relincha, para dentro,  
A angústia que o tortura! Ninguém ouve!  
(Dentro de nós, clamamos no deserto!)  
Esquece o fardo bruto e julga ver  
A sombra do seu amo, como a dêle,  
Transcendente e esquelética, emanando  
Não sei que simpatia e cheiro a côdea  
De pão, divinizado pela fome.  
Passa o *Zé Preto*. Acende os candieiros,  
Nas ruas do Cuvêlo e São Gôngalo,  
É as primeiras estrêlas do crepúsculo...  
Passa o estranho *Davim*, que desenterra  
E come bichos mortos. Tem, na frente,  
A lividez das frias madrugadas.  
É da sua pessoa se desprende  
Uma impressão sinistra, que parece  
Caminhar para nós, como um espectro.  
É a criatura humana e a sua lenda,  
Atrás de si, deixando um rasto escuro  
Como o triste *Davim*, ou de luar,  
Como a *Beatriç* que vai para a novena,  
Com um livrinho de orações, na mão,  
É um véu lilás no rosto de marfim.

Passam todos os bichos racionais  
E os bichos instintivos e ferozes;  
Ou vestidos à moda de Paris,

Ou cobertos de andrajos e farrapos.  
O *dernier cri* da Moda, o último grito  
Da Miséria!

Lá passam, vão passando  
Deusas e deuses. Vêde-os. São apenas  
Um nome de baptismo; quando muito,  
Uma alcunha ridícula, que faz  
O encanto dos garotos...

São andrajos  
Que marcaram a tinta, para o dia  
Da *Barrela* que os Poetas anunciam.

## XV

Passam deusas e deuses, sôbre a ponte,  
Lançada, por um ímpeto vulcânico,  
Entre margens chiméricas, sem fim...  
Passam, diante do tolo, que é também  
Um decaído *Apolo* friorento,  
Com um triste perfil anoitecido,  
Tendo, em volta da frente, uma grinalda  
De rosas murchas e fanados lírios.  
Exilado do sol, descido ao mundo,  
A túnica doirada lhe rasgaram,  
E um fantasma aparece, em nome dêle...  
Arrefecendo, treme, e se recolhe  
À sua intimidade, êsse refúgio

Dos deuses que têm medo à realidade.  
É descobre outros campos de paisagem,  
Com outros habitantes, outras árvores  
É outras noites de lívido silêncio...  
É memória sòmente. Anda descalço,  
Traz o cabelo ao vento das alturas.  
Põe-se a evocar o espírito das cousas ;  
É as cousas, transtornadas, aureoladas,  
É como ilimitadas, se confundem  
Na mais extraordinária aparição!  
É, alvoraçado, canta o pobre tolo!  
Canta, boia nas ondas do seu canto.  
É boia à flor das ondas, como a espuma,  
Quando a alma do mar, através dela,  
Enamorada, espreita a lua branca,  
É fica tôda branca! Vê-se o corpo  
De Vénus a formar-se, nas entranhas  
Do pélagó profundo. É cada vez  
Mais perto e luminoso...

É o tolo canta

É boia sôbre as ondas, como a espuma...  
Esquecido, flutua, devaneia...  
Evapora-se, é nuvem...

A loucura

Serena é irmã das nuvens, que se embebem  
Ou de luar ou sol, e apenas deixam  
Transparecer um frio alvor cinzento...

## XVI

O tolo é um deus Apolo decaído.  
Um Deus que, no destêrro, se apagou...  
É a sombra do que foi ; mas uma sombra  
Vivente, só memória, a destacar-se  
Dos outros animais, que, à luz do dia,  
Ostentam, com vaidade, a forma humana!  
Os sábios da Ignorância, aqueles sábios  
Que medem êste mundo e fotografam  
O nosso pensamento! Ó fariseus!  
Escribas e doutores da sinagoga...  
Ó máscaras de gêsso, modeladas  
Sôbre a própria carêta do defunto!

Vives longe dos outros ; e portanto,  
Conservas um sorrir da idade de oiro.  
O teu sorriso é de oiro, como é sangue  
O riso do deus Marte, e fina prata  
O sorriso lunar dos idiotas.

O teu sorriso é de oiro ; mas, enfim,  
Nos teus lábios, se extingue, muitas vezes,  
O oiro do teu sorriso... Desfaleces.  
Na escuridade, surges, qual fantasma  
Eterno, que não podes evitar!  
Foges, gritando, aflito!



De que serve  
Fugir? A sombra da loucura abrange  
A terra, pobre mãe que endoideceu;  
E não faz mais que percorrer, em volta  
Do mesmo sol remoto, o mesmo espaço,  
Em amplidões, tão negras e geladas,  
Que os deuses, de terror, empalidecem!

## XVII

A luz abrasa a ponte de granito,  
De sólida elegância, inabalável  
Ao ímpeto das ondas invernosas.  
Um monstro de granito, com as patas  
Mergulhadas, na água, até ao fundo.  
Encontraram o leito, e se agarraram  
Ao leito, como trágicas raízes  
Petrificadas de luxúria. A ponte  
Casou-se com o solo. Como é bela,  
Povoada de espectros encarnados,  
Pintados a óleo vivo. Espectros de anjos  
E demónios. Ao vento, gesticulam,  
Como sombrios bosques, ao luar,  
Que são espectros a sair da terra  
E entrando na Existência...

O pobre tolo,  
Ébrio de luz, sorri, contente. O riso

É luz, essa virtude das estrêlas  
É dos tolos de Deus...

O tolo ri,  
Porque se lembra de ter sido Apolo,  
Irmão da Primavera, aquela deusa  
Que baila com os zéfiros de abril  
E beija a rósea face das crianças.  
E dêsse beijo o tolo se recorda...  
Enlevado, sorri... mas, fica triste.  
Recorda-se do beijo que lhe deu,  
Em criancinha, a primavera. É aquele  
Beijo rebrilha, ao longe, mais acêso...  
Rebrilha, até que as lágrimas lhe saltam  
Dos olhos espantados! Chora e ri,  
Sem um motivo natural. É tolo.

O tolo e a primavera são a mesma  
Fantástica pessoa, o mesmo corpo,  
Orelhudo e lanzudo, prolongando  
O focinho no espaço, onde os aromas  
Têm uma espiritual presença viva.

### XVIII

Em bando, os *guinchos* vôam, sôbre a ponte;  
E as negras andorinhas; e uma rôla,  
Escondida nas árvores da Cêrca,  
Rola, no bico, um *rêre* enternecido...

Orneia o meu gerico dos bons tempos ;  
Orneia, porque avista a primavera,  
Em figura carnal, da mesma carne  
Dos lírios e das rosas ; deitaria  
Sangue de luz vermelha, se a ferissem !  
Nós não vemos a deusa, mas sòmente  
Formas verdes e tintas espalhadas,  
Perfumes de oiro e uma alegria de anjo  
Que anda, no ar, dispersa e nos procura...  
Nós não vemos a deusa ! Tal milagre  
É apenas para os olhos dos jumentos,  
Que praticam, nos campos, certos actos  
De estranha liturgia. De joelhos,  
Comungam miosótis, bem-me-queres ;  
E, sacudindo o pêlo, se alevantam  
E orneiam o seu cântico de graças.

## XIX

Os jumentos e os tolos vêem os anjos.  
Que o diga o bom profeta, que aparece,  
Nas páginas da Bíblia, azorragando  
O gerico estacado e deslumbrado,  
Perante duas asas luminosas !  
O mísero profeta, é como um cego ;  
E chicoteia o místico animal,  
Que é tristeza nos olhos, negra fome

No longo pêlo hirsuto. Fita as grandes  
Orelhas sublimadas, ouve os astros ;  
Ou, com elas pendidas, fica atento  
Aos segredos mais íntimos da terra.  
Ouve as claras estrêlas e as pedrinhas ;  
E trota, muito magro e macambúzio,  
Na aridez infinita das estradas...

Agora, o burro não se mexe. Está  
Parado e deslumbrado. Furibundo,  
O tremendo chicote relampeja  
Nas mãos do cego e estúpido profeta!  
Mas, de improviso, o cómico doutor,  
Gordo fantoche da vaidade, salta  
Pela cabeça do jumento! Vai  
Caír aos pés dum anjo, que se ri,  
Como um perdido! É irmão da primavera!  
É o profeta, no chão, estatelado,  
É o cadáver do inverno, a desfazer-se,  
Numa funda barroca lamacenta...

## XX

A insua da Feitoria, que verdura!  
Um macisso de ramos e folhagens  
Explodindo das águas, e tornando-se  
Imóvel, no ar doirado... Mugem toiros,

Nos campos da senhora Baronesa,  
Como nos versos de Vergílio. Cantam  
Alegres passarinhos. E o jumento  
Passa a trote, na ponte iluminada.  
Orneia, furioso, contra todos  
Os profetas e sábios racionais!  
Mas, vendo o tolo, pára. Os dois conversam,  
Como nas fábulas de Esôpo. Entendem-se  
Os dois à maravilha! E falam, falam!  
E discutem os anjos e os profetas,  
Os eleitos da Graça e os condenados  
À Lei petrificada, à morte escura.  
E o tolo fala, rindo alegremente  
Aquele riso de oiro, a lampejar  
Nas águas viridentes que derivam,  
Por baixo dos três arcos de granito.  
Mas o burro discute às gargalhadas,  
Que lhe brotam da bôca; e lembra assim  
O busto duma fonte a jorrar luz.  
Suas vozes espalham-se, fazendo  
Um alarido, ao longe, de asas brancas.  
Os zurros e as palavras se confundem  
No mesmo som primaveril que inflora  
O céu, a terra, as aïmas, porque as aïmas  
São ainda fantasmas de arvoredos.

## XXI

Passa o gordo profeta, sôbre a ponte,  
Soleníssimo e grave... Não se lembra  
De que a gordura é muito caricata,  
Porque um homem nasceu para esqueleto.  
Mas há gordos vaidosos que se iludem  
E vivem abraçados, dia e noite,  
A um ôsso imaginário : o seu desejo  
De altivez e elegância, dissecado  
Até à fibra derradeira... Um drama!

Passa, na ponte, o cômico profeta ;  
E, atrás dêle, o *Celeiro* das graçolas,  
Com a cara redonda, enorme, cheia  
De rugas, como o sol depois de velho...  
Passa o rei *Salomão*, que se esqueceu  
Das letras do alfabeto, e aquele *Herodes*  
Que sustenta uma creche de meninos.  
É a *Cambóio*, ralhando e praguejando,  
Imita a grande confusão das línguas!  
Vêde a mulher do *Garra*, que trabalha  
Na tôrre de Babel... Ó pobre *Garra*,  
Sou, como tu, pedreiro. Gasto a vida  
A rasgar uma forma de beleza,  
Nesta pedra, que Deus me pôs às costas  
E que há de ser a tampa do meu túmulo.

Mas o entremez findara, e o temporal  
De imprecações e furibundos gritos.  
Que silêncio abismático! O silêncio  
Em que o trovão das nuvens se converte ;  
Não o *silência lunae* de Vergílio,  
Nem o silêncio místico das almas,  
Irmãs do pobre tolo...

## XXII

Sôbre a ponte,  
O tolo, deslumbrado, canta e ri.  
Seu pensamento vôa no ar azul,  
Nada num fluido etéreo de alegria  
E doira aquela nuvem matinal.

Entre a nuvem e o tolo extasiado  
Uma divina intimidade existe,  
Um luminoso traço, que os prendeu  
Ao mesmo sonho indefinido, aério...  
Todo se exalta, agora, em madrugantes  
E virgens sensações, que se propagam,  
Em ondas e ondas vivas, no Infinito.  
E nelas vai o pobre triste... Vai,  
Numa alada e fantástica impressão,  
Que, ao ser por outras almas, recebida,  
Nesses mundos longínquos, se ilumina ;

E neles é presente o pobre tolo...  
Convive com os deuses, divagando  
Em campinas de estrêlas ; saboreia  
Miosotis, boninas, bem-me-queres,  
Encantado num extase de luz.

## XXIII

A primavera seduziu-o. Beijou-lhe  
O focinho embriagado de perfumes.  
E ei-lo que vai trotando, seduzido,  
Atrás da primavera que lhe foge.  
Trota que trota! A primavera vôa!  
Vêde uma deusa e um tolo a persegui-la.  
Persegue-a, apaixonado. Adora as deusas  
E adora outras visões miraculosas,  
Que, de noite, descobre, à luz da lua ;  
Ou, de manhã, nas sombras que se doiram  
E murcham, como as fôlhas, pelo outono.

Corre! Lá vai, atrás da primavera!  
Mas, de orelhas caídas, olhos tristes,  
No chão pisado... O tolo não é mais  
Que um saudoso animal de quatro patas  
E trota, de olhos tristes, e cansado...

Voar ou trotar! Ser anjo ou burro! O tolo,  
Trotando, vôa ; mas não sai do meio



Dessa velhinha ponte, empedernida.  
O pobre tolo trota em pensamento...  
E só, em pensamento, nós podemos  
Correr, atrás dos anjos e dos deuses...

## XXIV

O tolo estaca ; e scisma, scisma, alonga  
O escuro e melancólico focinho.  
Cheira-lhe a feno sêco. Cheira a feno  
Do outono a primavera. Aquela imagem  
Alegre, nos seus olhos, se projecta ;  
E os seus olhos inundam-se de lágrimas.  
Sente um pêso de nuvêns : fumo e bronze...  
Nuvêns de fumo e bronze ; mas as nuvêns  
De fumo, em claro pranto, se dissipam ;  
E as de bronze recolhem, no seu peito,  
O chôro aliviante ; e dentro delas,  
A dôr se intensifica e vai crescendo,  
Em densidade angustiosa, até  
À explosão do relâmpago instantâneo  
E à saraivada imensa de calhâus !

## XXV

O tolo vê fugir a primavera.  
Baixa as orelhas pálidas, e scisma...  
Nele emudece a flauta do deus Pan.

O místico silêncio que o rodeia,  
É silêncio de flauta emudecida...

Sim, cada voz humana, que falece,  
Deixa um silêncio original. A voz  
Dum homem de juízo e a voz dum tolo,  
Mesmo depois de mortas, se distinguem...  
Avultam, como faces do silêncio...  
À meia noite, avultam, no profundo  
Silêncio, que é o fantasma de Jesus,  
Martirizado de astros, a sangrar...

## XXVI

O tolo entristeceu. Caíu nos braços  
Da tristeza, uma deusa. Mas o tolo,  
Ai dêle! não percebe aquela imagem  
Celeste, que o adora. Apenas sabe  
Que entristeceu, porque lhe cheira a fêno  
Do outono, a primavera! E os passarinhos  
Cantam, de ramo em ramo verde... Cantam!  
Mas logo, o belo tempo se transtorna;  
Tem ímpetos de chuva e de granizo;  
E as flôres das cerejeiras, muito brancas,  
São como flócos trémulos de neve...

A saudade da linda primavera,  
Em plena primavera!...

O nascimento  
É a anunciação angélica da morte...

## XXVII

O tolo é uma elegia, em verso brando,  
Da alegre primavera... Ermo pinheiro,  
Verde negro suspiro da paisagem...  
Deitou raiz faminta, numa fraga,  
Que é, por dentro, ternura e lume vivo...  
E tem lume nos olhos, e ternura  
No lírico focinho enebriado...  
Ternura, que é uma fome de poeta,  
A devorar o mundo! Mas o mundo  
É ainda um fruto verde, que seduz  
As crianças, os poetas e os demónios...

Deus fêz o nosso mundo, em pequenino ;  
Fê-lo sem arte própria ; e só, por isso,  
Ninguém consegue ver, nas criaturas,  
O divino sinal do Criador.

## XXVIII

O tolo põe grinaldas nas orelhas ;  
E saboreia o mundo, entristecendo...  
Entristece de todo ; volve os olhos

Para uma vaga região, povoada  
De fantasmas, — o reino dos malucos.  
Firmando os pés na terra, ergue a cabeça,  
Além das nuvens. É raiz faminta  
E fôlha sequiosa. Come terra  
E vai beber nas nuvens, que enegrecem  
E choram, carregadas de água. Inundam-se  
De sol e riem.

Chora o pobre tolo ;  
Mas, através das lágrimas, sorri...  
Porque êle é, na verdade, aquele espírito,  
Infantil e gentil, da primavera ;  
Essa imagem ideal que unicamente  
Existe para a luz do nosso olhar,  
Quando se torna interior, doirando  
As íntimas paisagens infinitas...

E, além do inverno, o pobre tolo ri,  
E chora, além da primavera. Chora  
E ri, no meio dum deserto. A areia  
Conserva-lhe as pegadas de gericó ;  
Êsses baixos e fúnebres relevos  
Da estupidez, bisonha e solitária,  
Que acredita em oásis, neste inferno,  
Onde as almas de Deus morrem queimadas,  
Queimadas pela sêde ; e o seu espectro  
É fumo condensado em negro mármore,  
Sob os olhos maléficó de Dante.

## XXIX

Morrem de sede as almas, no deserto ;  
É uma nódoa de fumo turva o espaço.  
Morrem de fome os corpos ; e uma pedra  
Esburacada mostra os ígneos dentes,  
A scintilar, na escuridão do túmulo...

Chorando e rindo, porque o riso é pão  
É as lágrimas são água, o pobre tolo  
Vive, na companhia de fantasmas,  
Que o contemplam, do fundo do seu nada...  
Ouvem as suas rezas, vaticínios,  
Lôas que não entendem ; mas sedú-los  
Aquele ermo perfil em minguante,  
Recortado na lívida penumbra.

## XXX

Tolos, — perfis de cêra, num queixume,  
Ou um grito reprêso, êsse marmóreo  
É gélido silêncio em que uma dor,  
De intensa e já chimérica, se esculpe!  
Tolos, — perfis de cêra e de luar...

Doidos, — perfis de bronze incandescente...  
Perfis de pobres tolos e de doidos,  
Iluminando a treva ; iluminando-a,  
Como os doidos, de rubras labaredas,  
De branco arrefecido, como os tolos...

Mas êste é doido e tolo. Chora e canta.  
É muito alegre e triste ; mais alegre,  
Por fóra, que um altar em flôr ; por dentro,  
Triste, como um sepulcro de mil anos...  
Lê no voar das aves, que êle foi  
Um *augure*, nos tempos de Vergílio  
E é *planeta*, na sua freguesia ;  
Qualquer cousa de mágico e poeta :  
Um bicho fabuloso, a sonhar alto,  
No meio dum deserto, e que amedronta  
Fantasmas de cavalos a galope,  
E silhuetas de árabes fugindo...

## XXXI

Passou, na ponte, a Emília e a primavera.  
E outras horas ligeiras vão passando ;  
Mudam de vestuário, mas conservam  
Aquela eterna máscara de argila  
Vivente, modelada sôbre pedra...

São almas e mais almas condenadas  
À vida, ao crime, à dor! Deuses e deusas,  
Mascarados de bichos, para entrarem  
Neste perpétuo Carnaval terreno.  
Envolve-os um aspecto conhecido,  
Um ar familiar, que lhes encobre  
A presença divina ou demoníaca...

## XXXII

O tolo viu passar a primavera,  
Na ponte de granito. E a sua infância  
Passou também, por êle, num sorriso...  
O tolo não a esquece; nem tão pouco  
A infância esquece o tolo; enamorou-se  
Do seu perfil minguante e luarento  
De altas melancolias misteriosas.  
Ama-o de tal maneira, que ela, sendo  
Invisível imagem, toma vulto,  
Diante dos seus olhos encantados.  
E o tolo fica extasiado; vê  
Formas divinas que se esboçam; ouve  
Murmúrios brandos, vozes de outras eras;  
Mas não as compreende; são confusas,  
Distantes, — onda esparsa e musical,  
Onde êle boia, abstracto e doloroso...  
E, tão abstracto, que não é ninguém!

E tão sensível, doloroso e vivo,  
Que êle é tôdas as cousas dêste mundo  
E todos os fantasmas que divagam,  
No deserto da morte, à luz da lua!...

Mas, ai, não é ninguém! E luta, aflito,  
Para atingir a própria realidade,  
Que lhe foge, escondida numa névoa...  
E luta contra a névoa encobridora!  
Mas a névoa reage. O mesmo sol  
Repousa, adormecido, em suas brancas  
Entranhas, que se inundam vagamente  
Dum íntimo fulgor arrefecido.

Lutam, no pobre tolo, o sonho vão  
E a clara realidade. Êle percebe  
O trágico duelo entre o seu corpo  
E a sua alma, a estrebuchar, no escuro.  
Há mãos petrificadas que o amarraram  
Ao esqueleto, um póste de suplício.  
E há outras mãos celestes que lhe imprimem  
Um ímpeto sublime, para aquelas  
Alturas da infinita Beatitude...

O pobre triste vive, a debater-se  
Entre um rochedo bruto, que lhe pesa,  
E uma nuvem do céu, que lhe transmite  
Uma leveza aérea, o dom aéreo  
De ir abraçado ao zéfiro, a voar..



Ora, a nuvem fantástica o domina ;  
É é tudo fumo pálido, um resíduo  
Ligeiro e vão das cousas materiais...  
E, neste fumo, o tolo se dissolve,  
E paira, adormecido...

Mas, por fim,

Acorda na fluidez ilimitada...  
É a sua consciência a iluminar-se,  
Na escuridão nocturna. E, logo, o mundo,  
Cá em baixo, aparece num esbôço  
Transfigurado. É o tolo que abre os olhos,  
Povoados das inúmeras imagens.  
São vagas criaturas, que se perdem,  
Nas neblinas do Longe ; e, ao mesmo tempo,  
Ocupam, que milagre ! o seu lugar !  
Esse lugar sensível do Universo,  
Em que todo o Universo é um pobre tolo :  
Sombra espectral que vive e não existe,  
Corpo carnal apenas existência.  
E, existindo e vivendo, para além  
De tudo, é êle mesmo, à luz do dia ;  
É *Êle*, — esta palavra irmã dos deuses.

XXXIII

O tolo existe e vive ; mas a vida  
É a existência, casadas, originam  
Um outro sêr, no qual se diviniza

A humana forma, abstracta, material  
E, de si mesma, atónita e espantada,  
Posta, esfíngicamente, sôbre a ponte.

## XXXIV

O tolo existe e vive. Está desperto  
Ou sonha ; mas não dorme. Despertado,  
Tem a ilusão da Realidade ; e tem,  
Sonhando, a realidade da Ilusão.  
Conhece a pedra e a nuvem. É pedreiro  
E músico. Trabalha, mas cantando.  
Assim trabalha as pedras da Existência.  
Nelas esculpe estátuas de demónios ;  
E, nas nuvens, modela bustos de anjos...  
As nuvens e os fraguedos obedecem  
Ao seu esforço harmonioso, e tomam  
Atitudes humanas e divinas.  
Conhece a Realidade, — bruta fraga  
E o Sonho, — etérea nuvem indecisa...  
Porque êle existe e vive ; e assim atinge  
A essência incandescente dos penedos  
E das nuvens, que são aéreos mármorees...  
E o oiro brilha, no seu riso ; e a prata,  
Em suas dôces lágrimas, fulgura ;  
E em bronze é que êle funde as suas dôres.  
E deu ao próprio espírito a presença

Tangível e evidente do seu corpo ;  
E, deu ao próprio corpo, definida  
E dolorida ausência, nem eu sei  
Que anímica magreza ossificada.

## XXXV

Foi músico e pedreiro. Trabalhava  
As pedras, a cantar. E as pedras tôscas,  
Se as ferem, sangram luz e luz de estrêla...  
As pedras foram luz e lume vivo.  
Depois, com a humidade dos invernos,  
No endurecido rosto, lhes cresceram  
Musgos, lichens, as barbas da velhice...

## XXXVI

E o pobre triste lê, nas penedias,  
A história original da sua infância,  
Quando pousava, andando, os ígneos pés  
Num solo esbrazeado e resplendente...

O tolo volve à infância, que é divina.  
Eleva-se no Azul, violando a lei  
A mais terrível da Natura, imposta  
Apenas aos brutinhos racionais.

O Infinito é somente para os doidos,  
Que se exaltam num ímpeto sublime  
E vencem a terrestre condição.

## XXXVII

Sobe o tolo, no espaço, que se doira  
Harmoniosamente. Vai subindo,  
Dos abismos da dôr, às altitudes  
Da sempiterna aurora. Vai subindo...  
E, num sonho inefável acordado,  
Ouve cantar um astro. É a voz da Fonte.

Bebe, na Fonte, a luz original.  
Regressa, embriagado, à sua infância.  
Vem aquecer-lhe a túnica de linho  
O belo sol de outrora ; e as suas asas  
Dir-se-hão feitas da neve do Marão ;  
Dessa primeira neve, que êle viu,  
De longe, em altos cumes solitários,  
E ficou, para sempre, nos seus olhos.

## XXXVIII

Passou, na ponte, a Emília e a primavera.  
Passa o velho Chichilro e os seus alforges,  
Cheios de fome, quer dizer, vazios...

Os garotos apupam-no, gritando!  
Êle tenta fugir! Tem os pés trôpegos ;  
E com êles metidos nos tamancos,  
Tropeça, cáí, volvendo, para trás,  
Aquele rosto emagrecido e lívido,  
Como quem mostra, horror! uma caveira!

Persegue a infância os velhos, como a aurora  
Persegue a noite. E a Emília de São Lázaro,  
Com um sorriso matinal na bôca,  
E o céu azul no olhar; e, sôbre as fontes,  
A luz do sol, frizada em caracois...  
Vai, atrás do fantasma da Gravuna,  
Ressequido e coberto de farrapos,  
Enlameado por oitenta invernos...

Persegue a infância os velhos, como a aurora  
Persegue a noite. E a aurora há de alcançá-la,  
E há de ser luz ainda a escuridão.

## XXXIX

Mas quem és tu? Quem és, ó negra morte?  
O anjo da nossa infância que, de todo,  
Se apodera de nós! E nele, enfim,  
Seremos para sempre. Vêde a morte,  
O trágico esqueleto de gadanha,

Rindo e ceifando multidões de vidas!  
Trabalhando, ceifando, a transpirar!  
E, feroz e faminto, mastigando,  
Com descarnados dentes, as misérias,  
As aflições e angústias dêste mundo...

Oh, vêde a negra morte que apavora,  
O anjo da nossa infância original...

## XL

Passou, na ponte, a Emília e a primavera.  
Veiu o outono encontrar o pobre tolo,  
No mesmo sítio, abstracto e mergulhado  
Numa névoa do mar... As suas mãos  
Tateiam no vasio indefinido...  
Fala e não ouve a sua própria voz!  
E a sua imagem triste, num espelho,  
É uma nódoa sòmente, pobre imagem  
Desgasta pelos olhos da Chimera.

Scisma, desmaia, ondula, na penumbra.  
É branda palidez, um fogo fátuo  
A desenhar a effigie dum cadáver.  
Julga-se falecido ou velha nuvem,  
Que se desfez em chuva, há muitos anos...  
E, para si, exclama : *eu não existo!*  
E sonâmbulo, boia numa nuvem...

Percebe-se-lhe apenas, certas noites,  
O seu perfil em quarto minguante,  
Fosforescente de brancura morta...

É boia numa nuvem, êsse etéreo,  
Imponderável mármore, através  
Do qual a mais ligeira borboleta  
Pode estender as asas livremente...

Boia; scisma, encoberto; quási dorme...  
Sente a fria humidade; acorda, ouvindo  
O realejo, brumoso e lacrimoso,  
Que o outono, velho músico pedinte,  
Anda a tocar nas ruas lamacentas.  
Cinzentos sons, plangentes e molhados,  
Vão-lhe pousar na alma, que arrefece;  
E, entontecida e pálida, flutua,  
Em ondas de queixumes e lamúrias...  
E esta elegia fúnebre, em farrapos  
De humedecidas sombras espectrais,  
De tal modo a entristece, que lhe rouba  
A sensibilidade, no momento  
Em que a tristeza e o tolo se confundem  
Num só fantasma dolorido, sob  
A claridade morta do crepúsculo.

O tolo adora a música outonal  
E a música do vento desvairado,  
Que fêz dançar as águas do Dilúvio;  
E a música da lua, a percutir-se,

Nas scintilantes pérolas do orvalho...  
E adora as ermas vozes que nos falam  
Na solidão, e os anjos que, vencendo,  
A natura das cousas, aparecem,  
Diante de nós, descidos do Infinito.

E o pobre tolo, emudecido, fica  
Num pasmo de idiotia transcendente.

## XLI

O ocaso é uma cratera, a refterver.  
Uma explosão doirada molha as nuvens  
E as derradeiras cristas da montanha.  
O tolo bebe na cratera; bebe  
Até cair, por terra, adormecido,  
E sonha com a virgem primavera...  
E nos seus braços dorme, em pleno inverno.  
E vê, sonhando, os longes encantados  
E doirados da infância. Fôlhas mortas  
Doiram aqueles longes, porque é vivo  
O oiro das fôlhas mortas; resplandece.  
Dá uma luz coalhada em tinta nova.  
E esta luz alumia o pobre triste.  
Uma fôlha doirada pelo outono,  
É a luz da sua vela, à cabeceira  
Do leito em que êle, tão sereno e pálido,  
Dorme, como deitado num caixão.



Perde, por fim, a vã serenidade,  
Pronuncia palavras incoerentes ;  
E contra um pesadelo angustioso,  
Luta, desfigurado e transtornado!  
E nele transparece aquele Monstro,  
Fantástico e ancestral, que nos mais vivos  
Lances do nosso drama, se interpõe  
Entre a nossa aflição e a nossã alma,  
E nos livra da morte ou da loucura!

## XLII

És um triste jumento, pobre tolo,  
Que pôs humana máscara, na face...  
Um fabuloso, ser, trajando à moda ;  
Um deus que, nas entranhas duma fêmea,  
De carne se vestiu, para existir.

É teimoso, scismático e percebe  
Os fantasmas e os anjos do Senhor.  
Tem um apêgo enorme à sua corte,  
E uma predilecção extraordinária  
Pelas ervas em flor dos pátrios montes.  
Fita as orelhas grandes e lanzudas,  
E ouve, de noite, a música dos astros.  
Orneia, porque é irmão da cotovia,  
No lusco-fusco amanhecendo. É a estrêla  
De alva, tão acendida, se retrata  
Nas águas mortas dos seus olhos...

## XLIII

Vêde

Um pobre tolo, um místico animal  
Que, trotando na terra, anda na lua.  
Na lua, é velho espectro ; e, sôbre a terra,  
Um místico jumento.

Em certas horas,

O tolo quer montar e dominar  
O simpático bicho, que protesta  
E levanta a garupa ; e, mais teimoso,  
Mete, entre as pernas, a cabeça ; tenta  
Libertar-se do fardo ; e libertado,  
Galopa de contente ; orneia, alegre ;  
Desfralda, no ar, aqueles sons nasais,  
Que o vento gosta de espalhar nos montes...  
E desenham, além, não sei que estranhas  
E azuis caricaturas matutinas !

## XLIV

E deseja pastar o visionário  
Dos anjos e da fome ! O pobre triste !  
Vive abraçado à tua negra fome

E orneia pela erva, no deserto!  
Tu não vês um lameiro, ao longe, ao longe,  
Aguarelado em pleno Azul? Não é  
Para os êrmos gericos dêste mundo...

## XLV

Ai de ti, meu poeta enamorado  
Das nuvens madrugantes! Ai de ti!  
No seio delas, ri um anjo... Espera  
Um só momento, que êle vai mostrar  
O doirado cabelo e as asas de oiro.  
Tu não esperas, — desesperas! Louco,  
Bates de encontro às árvores e aos penedos,  
Cego de tanta luz! Porque os teus olhos  
Exageram a luz; e tristemente,  
Na escuridão, se perdem! Ai de ti!  
Sonhas e vôas! Tudo esfôrço inútil!  
Doem-te as asas de voar, e pousas  
Na ponte empedernida; e ali passeias,  
Tão sôsinho contigo, que és apenas  
Uma silhueta a lápis, num papel  
Imenso e todo branco...

Tens um ar

Antipático, estranho, que te afasta  
Dos outros... Causas mêdo. E a tua imagem  
Aparece envolvida numa sombra  
Chimerica e remota...

Abandonado,  
Como pequena estrêla, te consumes,  
Em gemidos de luz, na escuridão...

Mas logo etérea graça te domina ;  
E, num etéreo enlêvo anoitecido,  
Ouves a tua música interior...  
Vagos acordes de almas, a caminho  
Da vida... Já ressôam nos longínquos  
Horizontes do mundo que se doiram  
Dum resplendor nascente...

## XLVI

E o pobre tolo  
Vê, diante dêle, a bruta realidade  
Erguer-se em grandes píncaros serranos ;  
Bustos de terra e mármore, relevos  
E relevos que aumentam de volume  
Até à forma enorme do trovão,  
Que tudo abala e desmorona. Os ângulos  
Tornam-se agudos e cruéis, até  
À incandescência fulminante! A luz  
É como um áureo grito a resvalar,  
Pela azulada abóbada celeste.  
E, cá em baixo, o solo é de granito.  
E é também uma estátua o pobre tolo ;  
Bronze de dôr, sorrindo... e, nos seus olhos,  
O chôro é fina prata liquifeita.

## XLVII

Foge o sol ; e os relevos se concentram  
Numa tristeza escura ; e, nas alturas,  
Refulgem as arestas acendidas  
Da realidade. Gritos luminosos  
Rasgam a sombra côncava da noite.  
Mas o silêncio jaz invulnerável  
Na sua funda estagnação perpétua.

A realidade é *pêso material*,  
Que se prolonga em *alto pesadelo...*  
Eis êste mundo e o outro.

Ó pobre tolo,  
Tens um sentido astral da realidade,  
Afinado por tôdas as chimeras  
E por todos os sonhos, que voaram  
Dessa frente, perdida, além das nuvens,  
Onde os tolos assistem, espantados,  
Ao nascimento duma estrêla, e ficam,  
Radiantes de alegria, para sempre.

Amas a realidade, porque, enfim,  
Vês a substância eterna, que se eleva,  
Cá fora, em claras formas. Vês a alma  
Irromper do Invisível, ganhar corpo,

Até se tornar fria e quási morta.  
Mas aparece e é tudo. Aparecer  
É o desejo dos deuses e das sombras!  
O móbil da tragédia sobrehumana.  
Foste divino sonho primitivo ;  
E recordas o tempo em que vogavas,  
Sonâmbulo e disperso, em pleno Limbo.  
E esta dôce lembrança é branca névoa,  
Que te perturba os longes da memória  
E te dilui nas cousas da Natura.  
Fôste um sonho divino, mas sofreste  
Esse estranho contacto doloroso  
Das primeiras arestas em que os sonhos,  
Morrendo, cristalizam. Tu sentiste  
O momento em que a luz de Deus, caíndo  
E escurecendo, é sombra humana. Vives  
A sempiterna morte ; nada ignorás.  
Vives no teu fantasma, e tens, por isso,  
Uma visão perfeita do teu corpo.  
E, porque andas na lua, tú conheces,  
Como ninguém, a terra. É, lá de cima,  
Que os nossos olhos tristes lhe descobrem,  
O grande panorama circular.

## XLVIII

Vive no seu fantasma o pobre tolo ;  
Mas não deixa de amar a Natureza.  
Adora a ponte inabalável, monstro

De pedra dô Ladario que mergulha  
As plantas colossais, nas fugidias  
E enverdecidas águas murmurantes...

A água é realidade que nos foge,  
E uma ilusão que nos fustiga, o vento...  
E o doido vento e as águas se confundem...  
E desta imensa confusão resulta  
Aquele Indefinido misterioso,  
Em que as formas corpóreas se ilimitam,  
Hesitando nas linhas derradeiras,  
Nos últimos contornos, já sumidos  
Nas amplidões do Limbo criador.

## XLIX

O tolo ocupa o centro do Universo.  
E firma os pés no solo, — êsse lagedo...  
Sente duro contacto, uma impressão  
De estar, de ser, ali, naquele ponto  
Material dum sonho, porque o espaço  
Ê sonho que se expande e se condensa  
Em luminosos mundos, sôbre os quais  
Divagam sombras, vultos e figuras,  
Reflectidas do Longe...

O tolo existe ;  
Sabe mesmo que existe, mas não sabe

Mais nada, e sofre ; e a sua dôr profunda  
É tôda a sua vã sabedoria...

Distrai-se, vendo as horas que transitam  
Na ponte de granito. São fantasmas,  
Com relevos sanguíneos e carnaís.

Veste-as de carne o sol abrazador ;  
Molha-as, por dentro, em sangue de tragédia.  
E as sombras encarnadas e embebidas  
De sangue, à luz do sol, como nocturnos  
Pesadelos à rubra luz da febre,  
Passam, na velha ponte, desgastada  
De efémeros atritos ilusórios.

## L

Passa a *doidinha de Fregim*, à chuva.  
A trança desgrenhada, os seios nus,  
O vestido em farrapos, — a *maquete*  
Duma estátua de louca, em tenra argila,  
Ainda envolta no pano humedecido.  
Passa o velho *Geada*, muito magro,  
E o seu perfil em lâmina cortante,  
Com fios brancos na marmórea testa.  
Raspa-lhe a pele o *barbeirinho* ; e aqueenta  
Os longos dedos hirtos, com o bafo ;



E, no solo que o códo endureceu,  
Batem funéreamente os seus tamancos.  
Passa o *Bigoila* e a sua férrea alcunha:  
Fouce de roçar bordas, que lampeja,  
Como abrazada e sequiosa...

Passa

O mísero e scismático *Fumégas*,  
Levado pelos zéfiros da tarde...  
E o pobre *Bagalheiro*, choramanga,  
Triste, pinga que pinga, tôda a noite,  
Como um beiral de casa, pelo inverno.  
Passa a *Chocolateira*, prêsa à cauda  
Do marido, que foge espavorido,  
À frente duma chusma de rapazes!  
Passa, cheio de vento, o *Zé dos Foles*.  
Um engraçado lôrpa que imagina  
Subir até aos astros... E, ao pé dêle,  
Vai o *Saco*, vasio e muito enfiado...  
E o trágico *Escalete* pequenino,  
Feito de madrepérola; um berloque  
Rebrilhante de fúnebres matizes...  
O *Riça* hostil, agreste, ponteagudo,  
E uma rêpa de arames, na cabeça.  
O *Nanha* todo banha, moliquento;  
A pálida *Gaipila*, como um cacho  
Esbagoado...

A *Gata*, a *Tórta*, a *Piôa*;

Esfarrapadas *Parcas* mendicantes,  
Com a roca sem fios, que nos mostra  
As magrinhas costelas ressequidas...

Passa o *Tanga*, sem pano para mangas ;  
O *Avelosa*, o *Pirécas*, o *Panturra*  
E o *Morrão*, muito negro e cabeludo,  
E sempre a fumegar pelo nariz...

Passam outras *alcunhas* verdadeiras  
Mais ainda que os nomes de baptismo.  
Derivam, espontâneas, da criatura ;  
E são talvez a sua própria efígie  
Anímica e profunda... A efígie irrompe  
Da penumbra interior, numa vibrante  
Impressão que é, de súbito, apanhada  
Pelo primeiro poeta que a descobre  
E a entrega à hilaridade dos garotos.

E as cómicas *alcunhas* vão passando,  
Sob o fantasma enorme de outra *Alcunha* ;  
O *Papão*, que amedronta as criancinhas  
De tôdas as idades...

## LI

Vão passando,  
Diante do tolo, as horas fugitivas...  
Deslizam, sôbre a terra: baço espelho,  
Onde imagens de deuses desfalecem...  
E assim desfalecendo, se transformam  
Nestas sombras efémeras, carnaís,  
Aureoladas de vida imaginária...

## LII

O tolo é uma lembrança do Passado,  
Feita de sonhos mortos, de ilusões  
Perdidas e das nuvens do Dilúvio...  
E, animado dum ímpeto amoroso,  
Caminha, para frente. Existe e vive;  
E, porque existe, adora a realidade;  
E também, porque vive, adora o sonho.  
Mas esta adoração em que se exalta,  
Aflige-o, cruelmente! O seu desejo  
Seria libertar-se do seu corpo,  
Errar, em pleno espaço indefinido.  
Não pode libertar-se, como a estátua  
Se não liberta, não, do próprio mármore.  
Para se distrair, medita, observa  
As paredes do cárcere e os seus tectos,  
Onde se espalham nódoas de esplendor,  
Os turbilhões da Luz original...  
Ouve os rumores vagos, lá de fora,  
As palavras do vento, vozes de almas  
Famintas que pretendem reencarnar,  
Entrar na acção dramática e vivente.

## LIII

Tu meditas, estudas ; e, por fim,  
Confundes tudo ; e as nuvens te dominam ;  
Desfaleces, cançado... Estranha fôrça  
Imponderalizante, desagrega  
E dilata teu corpo, já fantasma,  
Que se eleva, coberto de brancura,  
Das águas negras do profundo Tâmega...  
Ês como o génio mítico do rio,  
Um novo deus da Fábula pagã.

## LIV

O pobre tolo acorda, a escorrer luz.  
E a ponte que, nas brumas, se escondêra,  
Concentra-se outra vez ; empederniu,  
Sôbre os pégões enormes...  
Deslumbrado,  
Banhado em luz, passeia o pobre tolo,  
Bafejado das brisas, que parecem  
Espíritos divinos, mergulhando  
No sonho azul que ondula, sôbre os montes ;  
E docemente nos envolve e faz  
Permanecer neste milagre, — a vida !

Vêde-o, banhado em luz, roubado às trevas,  
Por ígneas mãos de súbito relâmpago,  
Quando fala excitado e lembra um doido ;  
Ou por lívidas mãos de cêra fria,  
Quando enfraquece e mostra, na penumbra,  
O seu perfil de prata, em minguanete.

## LV

Mas, agora, passeia o pobre tolo,  
Banhado em claridade, ouvindo etéreos,  
Aureolados acordes, notas vivas,  
Que scintilam nas águas, onde boia  
A máscara do sol incandescente.  
E, na rôxa tardinha, se combinam  
Numa longínqua e vaga melodia ;  
Sons luarentos, flébeis, a expirar,  
Nas últimas distâncias do silêncio...

Mas agora passeia o pobre tolo,  
Banhado em áurea luz, e dimanando  
Uma outra luz doirada, um ar estranho,  
Que a sombra das ramagens inflora  
E as palavras dos tristes fala-sós.

## LVI

A resplendente música esmorece,  
Conforme o sol declina. Aí vem a noite.  
Resta um clarão sangrento no horizonte :  
Cratera, quási extinta, que fumega.  
Sobem ondas de fumo, para o céu,  
Daquela bôca aberta e arrefecida...  
Ondas de cinza e fumo vão subindo,  
E a noite vai crescendo, sôbre a terra ;  
Entranha-se nos vales, nos outeiros,  
Onde os pinhais são negras manchas mortas,  
Ao fundo de êrmos píncaros desnudos.

Principia a chover. A ponte inunda-se ;  
E a tua sombra nada, pobre tolo,  
Nos charcos de água suja, à luz funérea  
Dum triste candieiro de petróleo...  
Chove-te nas orelhas alongadas,  
Caídas, como os braços do Desânimo.  
Sopra o vento, e as estrêlas apagou...  
Um arraial de sombras, em tumulto,  
Que se beijam e abraçam, percorrendo  
O mesmo escuro círculo infernal...  
Enlouquecidas de terror, as árvores  
Tem desolados gestos, ermas vozes,  
Imitando os fantasmas, que transitam,

Na ponte, sôbre o Tâmega medonho ;  
Êsse caudal de trevas liquifeitas  
Que se entolda de lodo ; e enfurecido  
Trasborda, alaga as margens infinitas.  
E entre os pégões de pedra, ronca e brame,  
E, em rodilhões de espuma, vai fugindo,  
Lá vai morrer no mar...

E o *Boticário*,  
De pé, na barca frágil, vára em punho,  
Gigantesco, em cabelo, as grandes barbas,  
Hirsutas e revoltas, é o Caronte,  
Como quem o pintou do natural.

A barca singra as águas ; e o barqueiro  
Indica às Sombras a outra margem. Ralha  
De Dante e de Vergílio, êsses *touristes*  
Das regiões plutónicas da Dor.

## LVII

O tolo está molhado até aos ossos.  
E trémulo de frio, põe na face,  
Um ar de angústia e dó, como Jesus,  
Desde que o viu passar, de cruz às costas,  
Na tua velha ponte, São Gonçalo!

Uma impressão, às vezes, momentânea  
Nos transfigura o mundo.

Quem és tu,  
Meu vulto humanizado em que me sinto,  
Estranho a mim, viver? E nele sou  
Como indecisa realidade vã,  
Ou pobre estátua de ilusório mármore!  
Afogo-me nas lágrimas que choro!  
E me volatilizo num sorrir  
Que doira as ermas nuvens...

Dê bem longe,  
É que o sol doira as nuvens; é que a vida  
Anima esta figura do meu corpo,  
A prolongar-se em multidões de sombras  
Que do Passado vão para o Futuro...

Fecho os olhos e vejo íntima noite,  
Com nublosas, estrêlas, e sinais  
Que emergem das funduras e aparecem,  
Em instantâneas formas acendidas.  
E falo, dentro em mim, no encantamento  
De milagrosas vozes, ressoando  
Para além da mudez em que os penedos  
Escutam a harmonia do luar.

E tudo nos revela nem eu sei  
Que misterioso aspecto, êsse *outro lado*  
Oposto à luz do sol eternamente...



Que branca auréola nimba as criaturas!  
Aquela pobre velha tem, na fronte,  
Um resplendor de prata; e estrêlas de oiro  
Scintilam-lhe nos dedos, quando reza.  
Naquela roxa nuvem do crepúsculo,  
Vê-se pintada a morte do Senhor;  
E, nas brumas da aurora, o nascimento.  
Os nós daquela tábua de castanho,  
Mostram scenas da Fábula pagã,  
Como o rapto de Europa e o touro bravo  
E alado do Desejo! O deus Vulcano  
E a forja fumarenta, em negros antros.  
A barca de Caronte, como a sombra  
Dum barco, à morta flor do estígio Lago...  
Vénus e Adonis, num idílio... Diana,  
Silenciosa e triste, enchendo a noite  
Da sua merencória palidez.

É que a vida e o seu génio fabuloso,  
Bem antes de surgir na inspiração  
Dos primitivos poetas, despontou  
No coração das árvores primitivas.

E a mim próprio contemplo-me, assombrado,  
Porque eu sou, na verdade, um outro ser.  
Sou outro e sou eu mesmo! Sei que vivo,  
Como se já não fôsse... Quero ouvir  
E quero ver... Quem ouve? Quem és tu,  
Desolado fantasma que me empeces,  
Desde o momento em que nasci? Quem és,

Imagem de ironia que me fitas,  
Com um sorriso gélido, nas horas  
Em que reprêsas lágrimas inundam  
Meus olhos? Quem és tu, que, dentro delas,  
Te abraças de alegria! Ó doido incêndio,  
Debaixo de água, nesse mar profundo,  
A devorar palácios encantados!  
Quem és, maldito espectro emudecido,  
Diante de mim, para que eu tenha medo  
E fuja, e sejas tu no meu lugar?  
Quem és? Quem és? Responde. Não existes?  
E tu, louca esperança que me beijas?  
Mas, afinal, não és ninguém! Ninguém!  
Encontro-me comigo! e fico atônito,  
Cheio de espanto, como um cão latindo,  
Ao ver-se reflectido num espelho.  
Sou para mim um outro... aquele vulto,  
Errando pela estrada solitária,  
E tão ceguinho para a luz divina,  
Como tôdas as cousas da Natura!  
Como é que vós, penedos, existis  
Inconscientes de Deus, na mais tremenda  
Incompreensão? Como é que pode ser,  
Diante de Deus, a face dum defunto?  
É tudo uma ilusão. Se me procuro,  
Perco-me, dentro em mim, naquele espaço,  
Onde as formas do mundo se desdobram  
Indefinidamente! Assim me perco!  
E, tacteando nas trevas, mal percebo  
Uma luz difundida em brancas nódoas,

Como a esboçar perfis desconhecidos...  
Chamo por mim! Apenas me contempla  
O busto do silêncio, em negro mármore!  
E vós, divinas almas que eu adoro?  
Por quem eu vivo, quem sois vós? Quem sois?  
Sereis vós, por acaso? Serei eu  
Que, a mim próprio, com dor, me vou gerando  
Em seres espectrais que me aparecem?  
E todos me rodeiam, como filhos  
De Niobe, feridos pelo raio.  
E vejo-me sòzinho, num deserto.  
Grito por vós, amigos! E os meus gritos,  
Como flexas lançadas sem destino,  
Somem-se na amplidão misteriosa...

Como te amava Leonor! De súbito,  
Empalideces! Foges! Nunca mais,  
Te vi na tua imagem, que era um sonho  
Com todos os sinais da realidade.  
E me consumo e soffro! Mas a dor  
Que eu soffro não é minha. Será tua?  
Serás tu mesma a dor que me deixaste,  
Quando murchou teu corpo; e, nos teus olhos,  
Se fêz aquela noite constelada  
De estrêlas, que são almas a rezar?  
Essa dor serás tu, em mim, presente?  
Serás tu, em meu nome, sôbre a terra?  
Ês tu, és tu, chimérica figura,  
Em que me sinto, além de mim, viver.  
E, diante dela, sou como se fôra,

Em carne viva, a Esfinge, que é de pedra!  
A minha dor és tu ; não me pertence.  
As lágrimas amargas que eu derramo,  
Deslizam-me na face, como pérolas  
De orvalho, numa fôlha ressequida.  
E o meu riso deriva duma fonte  
Longínqua de alegria, onde as saudades  
Enchem, à tarde, as ânforas de barro...

Quem vê pelos meus olhos? E quem ouve,  
Por êstes meus ouvidos doloridos,  
Não sei que triste música distante,  
Lástima oculta, ressoando além,  
Melancòlicamente ressoando...  
E quem, pelo meu tacto, se apropria  
Das luminosas superfícies duras,  
Que são densos extremos revelados  
Da noite e do invisível? Bem pressinto  
As multidões de sombras que, através  
De mim, violentas, tendem para a luz!  
E êste esforço, dramático e espectral,  
É a minha própria vida, uma profunda,  
Inútil e perpétua inquietação!  
Uma infinita sêde abrazadora!  
Ígneo desejo! Enlouquecida flama!

Sou e não sou. Faleço e ressuscito.  
Vou para donde venho. O meu perfil  
É da mesma fantástica matéria

Em que a imagem de deuses e demónios  
Palpita neste espelho planetário.

Sou e não sou. Divago, distraído...  
Paro, como espantado. O meu cabelo  
Flutua, ao vento ; a chuva me fustiga,  
O sol cresta-me o rosto ; e a luz da lua  
Esfuma desoladas amplidões,  
Que eu percorro, chorando, inconsolável...

Sou, para mim, alguém que desconheço...  
Aquele vago espectro que se eleva,  
Dentre os negros escombros dum incêndio.  
Faz medo contemplá-lo! Mas não posso  
Fugir-lhe! Seduzido horrivelmente,  
Eu me aproximo dêle, e me confundo  
Com êle. Sou absurda criatura,  
Agitada por todos os espíritos  
E por todos os ventos fabulosos!  
E, sempre aflita e doida, numa luta,  
Num ímpeto de angústia, a destacar-se  
Da escuridão nocturna, para ser  
Só ela e mais ninguém, à luz dos astros ;  
Só ela, no Deserto, e mais ninguém!

## LIX

Ê pálido fantasma o pobre triste,  
Desde que viu Jesus, porque Jesus  
Veiu falar a todos os fantasmas  
E chamá-los à vida. Veiu pôr,  
Em guerra acêsa, os corpos e os espectros!  
Ê um tumulto sem fim de aparições  
Alastra, pela terra incandescente...  
Vejo perfis, em chamas, a gritar!  
Andam, no ar, estrêlas que são vozes,  
Ê gestos de relâmpago! S. Paulo  
Ê S. Pedro, lá vão prêgando, ao vento!  
Lá vão todos os Santos do Crepúsculo,  
A derrubar os templos e as estátuas!  
O Capitólio treme. A brônzea Loba  
Uiva sinistramente, no seu alto,  
Marmóreo pedestal! Arde a cidade!  
Pinta-se tôda de vermelho a noite.  
Êbrias de sangue as nuvens resplandecem.  
No céu, no mundo, as labaredas dançam,  
E rebentam em brutas gargalhadas!  
Que fulgurantes movimentos loucos!  
Ê que instantâneas expressões da luz!  
Dança o Desejo, abrindo as ígneas asas.  
Ê a Fúria, a negra Fúria, a esfarrapar-se,  
Com as unhas acesas que scintilam!

E baila o Ódio com a Inveja! Bailam!  
*Ele* baila com *Ela*, sôbre a terra.  
Bailam as Pitonisas, em delírio!  
E bailam com os anjos os demónios!  
Baila o Crime nos braços da Inocência!  
Bailam as moças de Paris, batendo  
As palmas e cantando, ao desafio,  
Em volta da terrível guilhotina!  
Rola a cabeça de Antonieta. O sangue  
Espirra, em mil scentelhas de alegria  
Que vão cravar-se em lívidas figuras,  
Doidas, alucinadas, a dançar!  
E baila Judas com o seu Remorso,  
Entre as chamas do Inferno que também  
Dançam, desesperadas, com as almas;  
E redobram de trágico furor,  
Desenhando, nas trevas, nem eu sei  
Que fantasmagorias nunca vistas  
Da sensualidade enlouquecida!

Paulo e Pedro lá vão, apostrofando  
Os falsos deuses. Já vencido, Jupiter  
Deixa cair, das mãos, o raio extinto.  
E fica, num instante, o deus Apolo  
Com o cabelo todo branco. A túnica  
Desfaz-se-lhe em farrapos de esplendor!  
Vénus é múmia velha encarquilhada,  
A mendigar nas ruas. E o Menino,  
Aquele irmão gentil da negra morte,  
De asa quebrada, arrasta-se, atrás dela...

Fugitivo, o deus Fauno anda coberto  
De trapos e pernoita, nos palheiros.  
E as Ninfas e as Sereias? Emigraram,  
Dos legendários bosques primitivos,  
Para as vielas sujas da cidade.  
Se voltasseis à vida, que seria  
De vós, ó grande Homero! ó grande Hesiodo,  
Sacros Poetas da infância dêste mundo?

## LX

Depois que viu Jesus, o pobre tolo  
É apenas um espectro, aquela vaga  
Presença, em outro espaço; mas ignora  
O seu destino etéreo... Olhai o triste,  
Sempre amarrado ao trágico esqueleto,  
Que o firma sôbre a terra, e assim lhe dá  
A sensação marmórea em que pretende  
Esculpir os seus altos devaneios.  
Quer arrancar ao mármore um aspecto,  
No qual, o seu espírito rebrilhe  
E seja como a linha dum perfil.  
Mas êle é o seu fantasma, sombra escura,  
Essa porta fechada contra a luz,  
Ou, sôbre a fria noite, sempre aberta...  
Sombra que lhe murmura: não existes...  
E o teu desejo é ser... E tão violento



Ê acêso, é teu desejo, que apareces!  
Vives porque és maluco! A tua vida  
Ê um dom da tua louca fantasia!  
Ês um desejo apenas, ilusório  
Ímpeto de alma, inerte, incondensável,  
Suspendido no Vácuo, eternamente.

Viver, vivem os anjos e os demónios.  
Nós fingimos a vida, porque somos  
Demónios, anjos decaídos, máscaras  
Feitas de fraco papelão tingido...  
Nós fingimos a vida. Declamamos,  
Gritamos e dançamos, descrevendo  
Cômicos gestos, símias atitudes,  
Repentinias figuras caricatas!

Ah, tudo é fumo e cinza, modelados  
Em fantasmagorias de paisagens  
E multidões de espectros, que perpassam,  
Na terra, onde os gericos racionais  
Fartam o ventre e dormem, satisfeitos.  
Outros, saltam, alegres, no relvedo ;  
Ou nele, se espolinham, com delícia,  
E erguem, além das brumas, o focinho  
A encher-se, como um cântaro, na fonte.

## LXI

Depois que o pobre tolo viu Jesus ;  
Jesus, rei dos fantasmas e dos mortos,  
Morreu também ; é apenas uma sombra  
Absôrta num infindo sentimento,  
Que doira as cousas brutas, que se animam  
E surgem, aureoladas, da penumbra.  
São as almas irmãs do pobre tolo.  
Rodeiam-no, de noite, à luz da lua.  
Andam com êle, e sonham acordadas,  
E falam, como as árvores, ao vento,  
E os poetas da divina inspiração.

## LXII

O tolo é uma lembrança de si mesmo ;  
Essa imagem que dêle se liberta  
E paira, na distância indefinida...  
E um desejo vivente que se fêz  
Carne de dôr e fúnebre esqueleto.

## LXIII

Divaga aéreamente o pobre tolo...  
Mas, sôbre a ponte, é cómico animal,  
Orelhudo e lanzudo, sempre triste,  
Orneando as suas máguas : brancas nuvens...  
Umas, lembram adeuses, à tardinha  
Ou lenços a acenar dos horizontes...  
Outras, lembram esboços de montanha...  
Outras, negras, pesadas, ao sentir  
O frio exterior, se precipitam,  
Em bâtegas, na ponte empedernida.  
O pobre está molhado até aos ossos  
E triste até ao íntimo da alma.  
O vento doido bate-lhe no rosto ;  
E tem vozes defuntas e queixumes,  
Que se espalham nas trevas, e desenham,  
No coração do tolo, êrmos cadáveres,  
Em lacrimosos funerais de chuva...

E seus olhos, na fria escuridão,  
Flutuam, como estrêlas apagadas...

Jazes na treva universal que, outrora,  
Jeóvah, gritando, incendiára! Apenas  
Teus magros pés descalços reconhecem  
A existência do mundo, porque o mundo

É uma ponte de pedra inabalável,  
Tumultuosa de vultos em delírio,  
Entre extáticas margens de silêncio.  
Isola-te do Tâmega faminto,  
A pedir *folgo* vivo, em altos roncoss,  
Que enchem a negra noite de pavor!

O mísero está ali, sòzinho e triste,  
Casado à própria sombra, que é uma parte  
Da sombra do Infinito; e sente, ao longe,  
As estrêlas que a mordem, scintilantes  
De gélida e maléfica alegria!

E a tua sombra orvalha-se de sangue...

No silêncio fantástico e nocturno,  
Vôa a Ferocidade, abrindo os olhos,  
Rubros de gula, em chamas, lampejando!

Ouvm-se gargalhadas, no silêncio  
Nocturno, e a sombra negra bota sangue...

#### LXIV

E, nas trevas, perdido, o pobre tolo  
Sofre uma dôr infinda, que também  
Se perde no mistério tenebroso

Que somos, para nós, durante a vida.  
E, atravez dêle, incertos, divagamos,  
Como através de névoa enganadora,  
Que nos revela e esconde, ao mesmo tempo,  
O nosso próprio ser.

A realidade  
Esvái-se como um sonho ; mas o sonho  
Surge, diante de nós, como se fôsse  
A mesma realidade...

Na terrível  
Indecisão lutamos! Assim luta  
E vive o pobre tolo, em pleno Céos!

## LXV

Vivemos, porque as almas, que nos cercam,  
Nos aparecem mortas, sepultadas,  
Em limitadas formas tumulares ;  
E não na sua essência esplendorosa  
Que tudo abrazaria, como a face  
Desvendada de Deus!

O nosso mundo  
São restos dum incêndio, frias cinzas,  
Carvões extintos, apagadas côres,  
Desilusões da luz, — uma paisagem  
Depois de contemplada pelos homens...

Nada resiste ao fogo amaldiçoado,  
Que, nas pupilas infernais, lampeja,  
A não ser o esqueleto e a pedra nua!

## LXVI

Anda o tolo nas trevas. Refugia-se  
Na sua própria dôr ; mas não consegue  
Dominá-la e senti-la, na verdade.  
Oculta-se, nas lágrimas, a dôr,  
Como os Dragões no mar... A dôr defende-se ;  
E também se defende a escura noite.  
O que vemos da noite é simplesmente  
A sua vaga imagem reflectida  
Na face cadavérica da terra.

Assim a dôr e a noite afligem tanto  
O pobre miserável ; e, com êle,  
Se confundem na mesma negridão.  
E, aflito, quer gritar a sua angústia,  
O seu remorso eterno, — aquela fôrça  
De todos os seus nobres pensamentos !  
Sim, criar um remorso, que nos dê  
Uma perfeita acção moral, é o drama  
Das almas, em que a treva do pecado  
Arranca, das entranhas dolorosas,  
Um coração em braza, o sol a arder !

O tolo quer gritar o seu remorso,  
Dizer os seus pecados! As palavras  
Mudam de tom ou morrem-lhe nos lábios.  
Deseja confessar-se, em alta voz,  
Como Santo Agostinho aos seus irmãos,  
Como o nocturno vento aos arvoredos!  
*Matei-o!* confessava o Chico Nozes  
Aos solitários montes da Raínha!  
Confessam-se, cantando, os passarinhos...  
Uivam, à lua, os cães as suas máguas.  
A nossa vida é a morte a confessar-se...  
E a luz do dia é luminoso verbo,  
É Deus que se confessa às criaturas.

O tolo quer falar, mas o silêncio  
Domina-o; é estranho Monstro desmedido.  
Põe, no imenso nariz, um dedo imenso,  
Contrái a negra máscara infinita  
Numa expressão fantástica e soturna,  
Capaz de emudecer a própria Eva,  
E o maluco não pia nem murmura.  
Tem apenas um lívido sorriso,  
Emanando, na sombra que desbota,  
Branças fosforescências indecisas.

## LXVII

Descendentes da lua, os pobres tolos  
Voltam, depois de mortos, para a lua.  
Jazem na lua triste ; dormem, sonham...  
É a linha do horizonte se ilumina,  
Distante e vagamente... É o luar que nasce.

## LXVIII

O tolo, abrindo os olhos, nada vê.  
A noite é impenetrável. E, fitando  
As orelhas compridas e lanzudas,  
Inunda-as o silêncio universal.  
Sòmente o fundo Tâmega rouqueja  
Nos pegões de granito e nos açudes.  
Clama por *folgo* vivo o antigo deus,  
Ressurgido das águas sublevadas  
Que, em turbilhões de lodo e espuma lívida,  
Se precipitam, loucas, para o mar!  
E treme o desgraçado! Bate os dentes.  
Sente longínqua dôr indefinida.  
É a sua própria sombra originária,  
Mordida, nas alturas, por enxames



De ígneos risos doirados que esvoaçam  
Da negra boca de Satan.

## O tolo

Treme, encharcado até aos ossos. Lembra  
Um naufrago dos tempos do Dilúvio.  
E, nas trevas, a voz do rio clama!  
Clamam todos os génios fabulosos!  
Querem ressuscitar! Querem viver!  
Querem reinar, de novo, os deuses mortos!  
Há fôrças acordadas, abalando  
As entranhas da terra, de onde saém  
Tempestades de gritos aflitivos!  
São fantasmas divinos que desejam  
Reencarnar, viver! Todos os deuses  
Vão reencarnar, viver! É que entre os homens  
E a Divindade existe um parentêscio  
Eterno, indestrutível!

## Nós que somos?

Tristes caricaturas decaídas  
De deuses e de monstros mitológicos.  
E que é o amor? O espectro duma deusa.  
E o ódio? O tórvo espectro de outro deus,  
Sujo da negra forja fumarenta.  
E não é a dôr a sombra duma cruz,  
Erguida, até às nuvens e às estrêlas,  
Em plena solidão da nossa alma?  
E a loucura? Outra deusa que desvaira  
Ondas do oceano, areias do deserto!

Somos destroços de anjos e de monstros!  
Uma escama da Piton, já ferida,  
Chifre de Minotauro ou de Moysés,  
Alga marinha de Neptuno, pata  
De Fauno, asa pedestre de Mercúrio,  
Etérea corda da apolínea Lira,  
Punhal de Orestes, faca de Caim,  
Ânfora de Danáide, gota de água,  
Sôbre os lábios de Tântalo, suspensa!  
Um doido olhar da lívida Chimera,  
Um cabelo de Euménide, relâmpago  
Ou pegada de Jupiter, nas nuvens...  
Somos destroços de almas e de deuses!  
E tôda a nossa vida não é mais  
Que uma pobre e banal Mitologia,  
Desfeita em velhos trapos e farrapos...  
Uma tragi-comédia; quer dizer,  
Qualquer cousa de grande e de inferior  
A sua mesma universal grandeza...

## LXIX

Vão reencarnar os deuses! Clamam, gritam  
Na escura voz do rio que se eleva  
Aos trovejantes, roucos sons do mar!  
Tentam ressuscitar, vencer a morte!  
Aquela turba imensa de esqueletos

Grita por *fôlgo* vivo, carne viva!  
É o pobre tolo treme, e treme a ponte,  
Debaixo dos seus pés. O rio abala  
Os pegões de granito, derramando,  
No negrume fantástico, um tumulto  
De cavernosos roncros e gemidos ;  
Tôrvas imprecações que se diluem  
Num marulho elegíaco e profundo.

## LXX

Tem frio, e está molhado o pobre tolo.  
Mas envolve-o uma auréola de tristeza  
Que o destaca, mais vivo, sôbre a ponte.

Olhai o magro e exótico animal,  
Ridículo e peludo... É scisma, scisma...  
Fita as orelhas pálidas ; orneia  
Íntimos versos flébis, vãos queixumes...  
Põe-se a fantasiar... Lá vai, lá vai,  
De freguezia em freguezia. Trota,  
Nos carreirinhos brancos e saudosos,  
Entre visões aéreas, sombras de árvore...

Lá vai, trota que trota, enamorado  
Da noite e dos fantasmas. O caminho,  
No vago Firmamento, se prolonga,

Chimérico de lívido esplendor.  
E o tolo, enamorado, se extasia  
Num sonho azul que vibra etêreamente...  
E boiam as estrêlas nessas ondas  
De harmonia longínqua, últimos sons  
De misteriosa música divina.

## LXXI

O pobre tolo é alma extasiada.  
Mostra, na sombra, o seu perfil minguante.  
É o silêncio, que nasce dos seus lábios,  
Espalha, em volta, merencórea luz.  
É extase e luar. É alma nua  
É desnudo esqueleto, — os dois extremos.  
Arde ou treme de frio. Desconhece  
Brandas temperaturas intermédias.  
A lágrima abrazada, nos seus olhos,  
Como a estrêla do norte, brilha e ri,  
Sôbre a infinita e gélida brancura...

É êle, e o seu espectro irracional,  
Orelhudo e lanzudo; aquele vulto  
Que a dôr, em barro humano, modelou...  
E nas horas nocturnas, melancólicas,  
Volve o focinho triste para o céu:  
Campos azuis, cheios de bem-me-querer...  
E orneia de saudoso; tem saudades

Das luminosas flôres que, em distantes  
E celestes campinas, desabrocham,  
Quando, sôbre elas, paira, como um sonho,  
A Primavera, mãe das primaveras.

## LXXII

Riem-se dêle os outros animais ;  
O jumento branquinho do moleiro,  
A cheirar a farinha ; o do almocreve,  
Cheirando à poeira branca dos caminhos.  
E o burro do cigano, que é lendário  
E cheira ao pó de tôdas as Espanhas...  
E esta jumenta gorda que dá leite ;  
E, nas andilhas, leva a Dona Rosa,  
Que cheira a montesinho e tem, no rosto  
Oculto na mantilha, aquele espanto  
Dos que, vindos da serra, a vez primeira,  
Passam, na tua ponte, São Gonçalo...

Riem-se dêle os brutos racionais,  
Feitos de carne e osso ; mas o tolo  
Não ri ; é vago espectro ; emagreceu.  
Cresceu-lhe o pelo à custa de ter frio,  
E depois lhes cresceram as orelhas  
De tanto ouvir a música dos astros.  
E o luar de mil noites lhe pintou,  
Aquela sombra escura, sôbre a terra...

## LXXIII

Mas fôra um animal, em outra idade,  
Que se expande, liberta, baila e canta!  
Uma embriaguez divina que nos deixa,  
Como um sabor a luz, no paladar.  
E não aquela embriaguez terrível  
Que nos põe, biliosos e sinistros,  
Perante uma garrafa esvasiada,  
Como a tua carranca, S. Jerónimo,  
Diante da caveira, no deserto!

A dança seduzira o pobre tolo;  
Êsse ímpeto doirado e musical  
Dos corpos ensaiando, na paisagem,  
O primitivo canto ao deus Apolo!  
O canto original, a graça pura,  
A espontânea verdade, que se mostra,  
Como o luar nascendo, como um sonho  
Que sai da terra, à luz do dia, e vem,  
Feito imagem de flôr, ao nosso encontro.

## LXXIV

O tolo amava a dança ; e apaixonou-se  
Pelo seu par : espectro de donzela  
Acendido na noite em que divagam  
Formas, vultos, figuras, que ilustraram  
As já passadas páginas da Vida.

## LXXV

A deusa o abandonou... E o pobre triste  
De todo enlouqueceu ! Visionária  
Loucura ! Mar revoltado, com sereias,  
Ninfas e Adamastores a fugir...  
Lusíada loucura, agora mansa  
É tranzida de frio ; mas ardente  
Nesses primeiros tempos, porque um tolo  
É um doido esmorecido, sôbre a neve...

## LXXVI

O pobre delirava, entre relâmpagos !  
Imagens, desvairadas e febris,  
Que o cercavam, bailando, e se afastavam,

E depois regressavam, sempre aflitas,  
Num turbilhão vermelho e fumarento!  
Vivia, em pleno Tártaro. Por fim,  
A loucura abrandára; e o pobre tolo,  
Às tardes, cavalgava na Avenida,  
Ladeada de fúnebres ciprestes.

As grandes abas do seu fraque esvoaçam.  
O pingalim fulgura-lhe nas mãos!  
Lembra um raio forjado por Vulcano:  
Um raio fabuloso, como o seu  
Cavalo, irmão do Pégaso, e a perisca  
Aceza do cigarro, irmã de Sirius;  
É o seu côco britânico, de ferro,  
Irmão do capacete de Minerva.  
É o tolo, envaidecido, aperfeiçôa  
A elegância das suas atitudes,  
E fustiga o chimerico ginete!  
É, sempre a galopar, desaparece,  
Entre os ermos ciprestes funerários  
É mudos transeuntes espectrais.  
As princesas têm medo, mas sorriem;  
Tapam a branca face, com o leque:  
Asa imensa e agoirenta do crepúsculo,  
Tão negra e cravejada de rubins.  
O ingénuo pobre tolo nada entende.  
Galopa muito alegre e satisfeito,  
Como que enamorado de si próprio  
É mais do seu cavalo: dois fantasmas.  
É êle e o seu cavalo, — a mesma sombra



Faminta, a mesma boca descarnada  
E requeimada, onde as estrêlas pousam,  
Como gotas efêmeras de orvalho.

## LXXVII

A fome que tortura os esqueletos!  
Na escuridão gelada dos sepulcros,  
Gritam por carne viva, até que os ouça  
O Deus da universal ressurreição!

## LXXVIII

É caveira de lôba, a lua morta.  
Uiva, durante a noite, porque tem  
Fome das nossas máguas e saudades!  
E respondem-lhe os lobos, na montanha,  
Os cães, no sujo escuro das vielas  
E os poetas, na tôrre de marfim.

## LXXIX

Ó deusa tenebrosa! Ó negra fome!  
Ó negra boca aberta, onde transluz  
A alegria feroz de devorar!  
Alegria abismática, sem fundo,  
Que só pertence aos lobos e aos espíritos  
E aos mortos, mas em tôrvo pesadêlo!  
Olhai o velho *páter*, repartindo  
As finas iguarias, consagradas  
Aos *lares* e aos *penates*. O fantástico  
Banquete se prolonga, ao som de flautas  
E amorosas canções, desde o palácio  
De Lucúlus aos antros de Plutão...

## LXXX

O estômago, eis o templo verdadeiro!  
Alguns, imitam Burgos e a Batalha  
E o grande Labirinto e o Minotauro,  
Que investe contra os loucos paladinos  
Do pálido Jejum, como Theseu,  
Hércules, êsse avó de Dom Quixote,  
E outros tolos das clássicas idades.

Mas tu, meu bom gerico da Poesia!  
Ó lírico focinho embriagado  
E tonto de perfumes! Ó lanzudas  
E compridas orelhas maviosas,  
Onde estremece a música dos astros,  
Tens, na tua celeste mangedoura,  
Uma palha doirada, — luz do sol!

## LXXXI

Cavalga o seu ginête o pobre tolo.  
Vai, através da noite, faiscante  
De metálicos risos, incrustados  
No mármore azul da abóbada infinita.  
Sôbre o mundo, lucilam, alastrando...  
E fundem-se, depois, numa perfeita,  
Fechada e esplendorosa superfície.  
Vêde as portas macissas, tôdas de oiro,  
Do misterioso Olimpo. Há multidões  
De almas aflitas, pretendendo entrar!  
Batem, batem na porta inabalável,  
De oiro macisso! E as almas? São chimeras  
Mortas e sonhos mortos; murchas flores,  
Na asa do vento. As almas são a morte.

## LXXXII

Vais, através da noite, que te envolve  
É a tua idiotia melancólica...  
Essa tristeza, ao longe e nos teus olhos...  
A sombra duma virgem, figurinha,  
Em oiro e rosa, já desvanecida,  
No seu caixilho de marfim antigo...  
Oiro que se apagou, porque era luz ;  
Rosa que emurcheceu, porque era rosa.  
O caixilho perdura : é de marfim.

## LXXXIII

É memória de dôr o pobre tolo.  
A vida é só memória. Nós que somos ?  
Reflexos, aparências ilusórias,  
Projectadas, na terra, baço espelho,  
Onde as claras imagens desfalecem.  
Por isso, o que êle sofre, neste mundo,  
É lembrança de tudo o que sofreu,  
Lá onde a Realidade é eterno incêndio ;  
E os anjos e demónios são figuras  
Expressivas, dramáticas, acêsas !

E o pobre tolo ri, porque se lembra  
Da luz que foi, outrora ; e, nos seus olhos,  
Brilham saudosas lágrimas longínquas,  
Como, à noite, no Tâmega, as estrêlas.  
Fala, soluça e grita ! Mas percebe  
Que as palavras, os gritos e os soluços  
Têm qualquer cousa de eco percutido,  
Uma vasia intoação chimérica.  
É apenas um fantasma, aquela sombra,  
Tão desolada e triste, em que êle mesmo,  
A si mesmo, se encontrá e desconhece !  
Aquela sombra escura, diante dêle !  
Às vezes, de repente, se exaspera ;  
E, exasperada, bate-lhe na cara,  
Se o desgraçado tenta adormecer !  
E quando os seus remorsos amortecem,  
Logo lhes varre a cinza embrandecida ;  
E as brazas dolorosas, que despertam,  
Refulgem, num ataque de alegria !  
Aviva-lhe as saudades mais antigas ;  
Retoca-as, num enlêvo de pintora...  
E põe-se-lhe a cantar, às horas mortas,  
Não sei que negra e funda melopeia,  
Roubada ao mar e aos ventos outonais,  
E a tôdas as soturnas e confusas,  
Tristes lamentações misteriosas...

## LXXXIV

O pobre tolo, à desfilada, corre!  
Vai fugido da noite, a imagem pálida  
Do tenebroso Inferno! Vai fugido  
Do Inferno, como todos os que nascem!  
Fugido dêle mesmo, dêsse espectro,  
Que, antes dêle vivendo, para sempre,  
Há de rondar, em volta do seu túmulo.  
Fugido àquele espectro, que o domina  
E se eleva de trágicos abismos!  
Rasgou, violento, a sombra do Invisível,  
E apareceu, no mundo, à luz do sol!  
Um acto de heroismo! Não fôsse êle  
Um simples pobre tolo! Mas, também,  
Ganhou, como os penedos, como as árvores,  
Êste valor das cousas existentes.  
Sendo um sonho dos deuses e dos anjos  
Tornou-se realidade. Mas o sonho  
Jámais completamente se condensa.  
Enevôa-o, por dentro; e, extravasando,  
Envolve-o uma auréola de milagre,  
Em que êle vive, além da sua vida,  
Como que absorto e isento de memória.

Ê realidade e sonho o pobre tolo;  
Ê sonho que se expande, no Infinito,

É humana realidade que o concentra  
É lhe traça, em matéria palpitante,  
Os seus limites nítidos, perfeitos.  
Esculpe o bloco e firma-o, sôbre a terra.  
Assim foi dado à luz o pobre triste :  
Um mixto de poeta e de animal,  
Com abstrações nublosas de filósofo,  
No lírico focinho enebriado.

É scisma em nada, em nada pensa. O mágico,  
Imponderalisado, agita os braços  
Convertidos em asas. Quer ser nuvem,  
Que pelo doido vento se apaixona,  
Para que o doido vento o leve e roube  
Ao seu espectro de íntima presença,  
Com um perfil, lunático e sòzinho,  
Naquele etéreo Vago, onde a Saudade  
Enche de luzes de oiro a escuridão.

## LXXXV

A loucura é tragédia. A idiotia  
Uma branda elegia ; mas, às vezes,  
De exaltada, arrebatada o pobre tolo,  
Para os confins do humano sentimento...  
E deseja subir, ultrapassar  
As alturas da noite, a negra abóbada,  
E penetrar no reino da Verdade !

A questão é sabermos o que existe,  
Para além dêste espaço constelado!  
Eis a questão suprema! O desespero  
Das almas inspiradas que se atrevem  
A interrogar a solidão e a morte!

## LXXXVI

Assim delira o tolo! E vai fugido  
Da sombra, que o persegue eternamente!  
Lá vai, lá vai, montando num cavalo,  
Irmão da ventania! De que serve?  
A sombra corre tanto como a luz.  
Mas o tolo galopa! Os altos montes  
Erguem-se, diante dêle, ameaçadores;  
E, como sonhos vãos, desaparecem,  
Sob as patas do seu cavalo, morto  
Em Alcácer-Kibir e irmão do vento!  
Somem-se os altos montes e as planícies.  
Os rios são relâmpagos de prata,  
Fuzilando! E há relevos e relevos,  
Escuros e redondos, que se impõem,  
Como enormes trovões emudecidos!  
Mas o tolo galopa. Quer fugir!  
Não se liberta, ai dêle, dos fantasmas!  
Nem dessa imagem de oiro e côr de neve,  
Quási desvanecida, em seu caixilho



De burilado e artístico marfim...  
Desvanecida e mais insinuante ;  
Mais viva quanto mais desvanecida...  
Enamorado ainda, num enlêvo,  
E sonhando, imagina passear,  
Nas nuvens, de mãos dadas, com a aurora!  
Fantasias dum triste penitente,  
Idealizando, ao longe, um paraíso!  
Pois quem és tu, no mundo, pobre tolo?  
A sombra do remorso e do pecado...  
És o crime, o remorso e uma figura,  
Que aparece, na arena, espavorida,  
E não entende o trágico espectáculo...

Tens mêdo à vida e à morte, porque tu  
Vives estranho à vida ; e morrerás  
Estranho à morte. Nem és corpo vivo,  
Nem lívido fantasma. És outro sêr,  
Escondido nas brumas do Mistério.

E foges de ti mesmo e dessa voz  
Que te grita aos ouvidos, dia e noite :  
— Tu és tu, pobre tolo e o teu desejo  
De ser perpetuamente um pobre tolo!  
És tu, meu pobre tolo e os animais  
Que te mordem a sombra ; e os anjos bons  
Que pretendem salvar a tua alma.  
E és o frio silêncio que dilata  
Essas tuas orelhas, e és a treva  
Que amplia êsses teus olhos, mais a sêde

Que torna incandescente o teu focinho.  
És tu, meu pobre tolo, e a vida e a morte,  
E o drama subterrâneo e humanizado  
E a divina tragédia, além das nuvens!  
Mas és como se fôsses tu sòmente...  
Não podes repartir a velha herança.  
O encargo pesa inteiro nos teus ombros.  
É solitária a Via Dolorosa!  
Nem Cirineus, nem pálidas mulheres,  
Que te enxuguem o sangue do teu rosto!  
Nem sêde de água que te molhe os lábios!  
Hás de expirar, sòzinho, no Calvário.  
Mesmo a cruz deixará tombar os braços,  
Num moribundo gesto de abandôno.  
Háde ser-te infiel a própria cruz!

E aquela voz transforma-se, de súbito,  
Em doida e misteriosa gargalhada!

E ri-se dêle mesmo, como os deuses...  
E ri-se dêle mesmo! Um riso eterno!  
Não cria branca cinza que o amorteça  
Aquele riso eterno que, nas nuvens,  
Desenha, a sangue, a máscara da Sátira  
E a bôca dos fantasmas incendeia!

## LXXXVII

Turva-se o tempo. O vento geme, aflito.  
Chove a cântaros. Rubros instantâneos  
Singram no brônzeo espaço montanhoso,  
Que desaba, na terra, em grandes blocos  
De cavernoso som atroador!  
Cingido de relâmpagos, o tolo  
Fustiga o seu chimérico ginete  
E galopa! Galopa! E só deseja  
Fugir! Fugir de Deus e do Demónio!  
E da vida e da morte! Não viver  
Nem morrer! E não ser a sua alma,  
Esse perfil de sombra, aqueles olhos  
Que, fitando uma estrêla, a estrêla apaga-se!

Fugir! Não ser a vida nem a morte!  
Não ser ninguém, ninguém!

Fugir à vida

É fácil, mas caímos nos teus braços,  
Ó tenebrosa morte! Se quisermos  
Entrar no Paraíso, precisamos  
De atravessar as chamas infernais!

E saímos do Inferno, reduzidos  
A silhueta pálida de fumo ;  
Tudo o que resta dum incêndio...

Vêde

A presença dum homem, divagando  
No edênico Jardim! O Paraíso  
É criação da Dôr, visão dramática!

O sêr humano, à fôrça de sofrer,  
De lapidar as suas próprias lágrimas,  
Abrasou-as num riso de alegria,  
O sol da idade de oiro!

Tu, Moysés,

Que o Génesis sublime concebeste,  
És como um jardineiro prometaico.  
As tuas mãos, sangrentas das grilhetas,  
Esculpiram os troncos, modelaram  
As primitivas flores, acenderam  
Essa primeira luz que, em tempestades  
De oiro, reboou nas negridões do Cãos!

O Paraíso é o sonho natural  
De quem vive, no Inferno ; como Deus  
Naturalmente é o sonho do Demónio ;  
E o sonho dum mortal é ser eterno!

## LXXXVIII

O tolo andou montanhas e desertos.  
É ei-lo, agora, na ponte, sôbre um rio,  
Melindroso e sensível, que deslisa,  
Com a imagem da lua, nessas horas  
De muda quietação, em que a paisagem  
É lívida chimera a desdobrar-se  
Em formaturas de árvores e montes.

O seu ginete olímpico seguiu  
O etéreo rasto acêzo dos cavalos  
Do belo deus Apolo ; e, rodeado,  
Das êrmas horas rôxas do crepúsculo,  
Lançou-se na cratera do Poente...

E o pobre tolo, pálido, contempla  
Aquele grande incêndio de tristeza,  
Que sobe do horizonte. O môcho canta ;  
É o seu canto percute-se, na lua ;  
Acorda-lhe o fantástico silêncio,  
Que se espraia, no vago do Infinito ;  
E, misturado a um branco resplendor,  
Faz o encanto das noites dêste mundo.

Sentiu-o Vergílio, em Mântua, certa noite ;  
É ficou triste, para sempre. Há vozes,

De misteriosa origem, que nos deixam  
Alheados e tristes, para sempre...  
Talvez sejam terríveis desenganos,  
Sofridos no mais íntimo e remoto  
Do nosso ignoto ser, onde êle atinge  
A desnudada e trágica Verdade...

As almas sabem tudo e não murmuram...  
Mas padecem e choram, recolhidas  
Num silêncio ideal... Através dêle,  
O som mais brando, reflectido, além,  
É qual palavra, em sílabas de bronze,  
Cravada numa pedra tumular.

Há repentinas lágrimas salgadas  
Que nos escorrem, pela face, e levam,  
Com elas, para a terra indiferente,  
O segrêdo imortal da nossa dôr.

Ainda bem! Ainda bem, meu pobre tolo,  
Que scismas, absorvido; e tão distante  
De ti, como se fôras uma nuvem  
Ou qualquer forma aérea da Natura.  
Choras, se os sapos cantam, à tardinha,  
E o luar liquifaz-se, nos teus olhos.

Que fraternal e vivo entendimento,  
Entre a nossa tristeza e as cousas tristes!  
As cousas que dirão? Que dirão elas  
À nossa alma, a pobre! que se fica  
Branca de medo e a soluçar baixinho?

Ó alma, que te diz a luz da lua?  
E a flor já murcha e o zéfiro outonal,  
Num murmúrio, que sonha iluminar-se,  
E não é mais que pequenina sombra  
De folhinha doirada, a caír no chão?  
E que dizem as ondas aos penedos?  
E o vento do deserto? E o derradeiro  
Olhar dos moribundos? E o vagido  
Primeiro das crianças? E o silêncio  
E a noite que dirão à nossa alma?  
Que diz a tempestade e o negro inverno,  
Quando o tempo se entrega ao seu furor  
De velho deus, enlouquecido e bárbaro,  
Que se esfarrapa e arranca as barbas brancas?

## LXXXIX

O tolo resignou-se, enfim. Perdeu  
Aquelas quatro patas mitológicas  
Do seu cavalo, morto na Mourama.  
Nasceu, prendeu-se ao mundo, sujeitou-se  
As leis da vida. É êle, um pobre tolo,  
Pobre caricatura! Um animal  
Que aparece, no espaço; e, conquistando-o,  
Entrou na plena posse da existência.

O tolo existe e vive, sôbre a ponte.  
As outras horas passam, como sombras,

Na pedra do quadrante.

Mas o tolo

Vive mais do que a vida! E numa heróica,  
Ansiosa labareda se debate!

Distende-se num ímpeto, visando

A estrêla que fulgura, para além

Das últimas alturas... E delira,

Levanta as mãos, fita as orelhas, abre

Uns olhos espantados que, de súbito,

As cousas transfiguram! Que serias,

Ó raíña do Egito, diante dêles?

Ai de ti! ai de ti! Nunca te viste

Naqueles dois espelhos fabulosos!

E, diante dêles, que seríeis vós,

Reis de Memfis e Tebas, sacerdotes

De Apolo e de Diana? E tu, São Paulo,

E o teu remorso eterno, êsse ígneo Verbo?

E tu, sublime poeta da Natura?

Deus que negaste os deuses! Tu, Vergílio,

E a tua voz molhada em luar, cantando

As lágrimas sem fim do anoitecer?

E Babilónia e os seus jardins suspensos?

Jerusalem e o Templo? E as Saturnais?

E o grande Prometeu e o fero Abutre?

E a Cruz, casada ainda de fresco? Tinta

De sangue e de alegria?

Que seríeis,

Diante daqueles olhos espantados

E tão negros, que tudo transfiguram?



Por isso as cousas mortas lhe aparecem,  
Como os vivos aos mortos ; e aos demónios  
As sombras penitentes que ultrapassam  
O pórtico infernal

O que êle vê

Nas nuvens, nos penedos e nas árvores ?  
Nesta figura humana que nos faz,  
Parar, no peito, o coração gelado !  
Nesta, que é tigre e rugue intimamente !  
E naquela que grunhe, mastigando...  
Nesta, que lembra um anjo do Senhor  
E tem, no rosto, uma fluidez de sonho  
E, no sorriso, a Luz original...

O que êle vê nas almas e nas cousas !

Ou, tomado de medo, empalidece !

Ou, de encantado e aéreo, devaneia...

Ou discute consigo, fala só ;

E nas suas palavras se consome.

Arde, mas dá mais fumo do que luz :

É como a lenha verde, na lareira.

Enche a casa de fumo ; e, trespassando

A telha vã, derrama-se nos montes

E mistura-se à névoa do crepúsculo.

Será a bruma do Tâmega ? Preguntam

Mendigos transeuntes entanguídos,

Com os olhos pousados no perfil

Do pobre tolo : um quarto minguante,

Enevoado de scismas outonais.

E o fumo alastra, lívida mortalha,

Sôbre os êrmos outeiros moribundos,  
Gelados de tristeza e alumiados  
Pelo tocheiro enorme do Poente.

## XC

Arde o tolo, embriaga-se de fumo ;  
E canta, como os pássaros de agouro .  
Ou, de orelhas hírsutas, fica atento  
À música dos astros que parece  
As árvores embalar, durante a noite.

Arde, fumega e torna a fumar.  
E o seu perfil lunático se esconde  
No seio duma nuvem prateada.

Esvai-se a branca nuvem ; e a presença  
Do tolo se revela. O céu aclara,  
E uma gaze de etérea palidez  
Desdobra-se, no ar, sôbre a paisagem.

E o pobre tolo canta ; e, nos seus cantos,  
Pairam almas penadas, alegrias  
Que, doidas, se suicidam ; desesperos,  
Aspirações aladas que falecem ;  
E, como sombras de anjos, esvoaçam,  
Em volta do ígneo foco das estrêlas.

O pobre tolo canta e ninguém ouve...  
Nem os ecos fantásticos respondem!  
Da sua voz, no Azul, se dissolveu  
O último fio de som... Tudo é mudez,  
Sob a carranca do nocturno inverno.

## XCI

Fala, ninguém no entende. De si mesmo  
Duvida e ri... O riso nos liberta!  
Aquele riso irónico, supremo:  
A luz desencantada, a consciência  
Que, atingindo o absoluto, se ilumina,  
Apagando ilusões, chimeras, sonhos...  
E é ela, nas alturas desoladas,  
Sôbre a infinita neve, a scintilar.

De si duvida o tolo; e vê, nos homens,  
Caricaturas de almas, espantosas!  
Arlequins e fantoches demoníacos,  
Personagens de dramas e comédias...  
E um velho Espectro imenso que os envolve,  
De longe; e faz trejeitos e carêtas,  
A guinchar e a saltar, na ramaria  
Duma árvore que abrange o Firmamento  
E se orvalha de pérolas acêsas...

Tem mêdo àquelas máscaras de entrudo,  
Lustrosas e vermelhas, divertindo  
A alvoroçada turba! Mas desvendam,  
As crianças e aos tolos, nem eu sei  
Que riso falso, que expressão pintada,  
Que trágico artifício misterioso!

E o seu perfil de pânico aparece,  
Branco e magro, no espaço anoitecido,  
Como riscado a giz, em negra tela.

Logo o encobrem as névoas do Marão.  
Enche-lhe o vento os olhos duma cinza  
Roubada, pelo outono, aos cemitérios.  
O pobre chora; e a cinza se dilui  
Nas suas êrmas lágrimas, que lembram  
Espelhos de cristal, onde o Invisível  
Parece reflectir-se vagamente.

Mas, na verdade, o tolo nada vê.  
Absorveu-se nas máguas, que se elevam  
Do seu profundo sêr; profundo pélagos,  
Com remotas estrêlas que despertam,  
E são revelações daquele instante  
Em que a luz, corpo anímico, se veste  
De viva claridade material.

Mas, absorvido, o tolo nada vê...  
Fuma, fumea, ardendo num incêndio  
De estranhas labaredas, que se expandem,

Pelo infinito, que o infinito existe  
Para dar expansão às nossas dôres.

È cáí, de extenuado, adormecendo.  
Como as brasas mortijas, cria cinza...  
Como as brasas mortijas e os velhinhos  
Móveis abandonados, e os retratos  
De mortos que se animam, na penumbra...

O tempo é grande artista, um Miguel Ângelo,  
De selváticas barbas, côr de neve.  
Esculpe e quebra a estátua que não fala!  
Mas fala, sim, depois de mutilada...

A vida é imperfeição, esbôço, nuvem...

## XCII

O tolo vê caír poeira e cinza,  
Sôbre as almas e as cousas esquecidas  
E as antigas lembranças, quási murchas,  
Desfiguradas já, nos horizontes  
Da memória, onde o espaço ganha a côr  
Mais negra que se pode imaginar!  
È nos velhos retratos, que o contemplam,  
Das antigas paredes... Èle mesmo  
È um retrato, pintado a sangue vivo;  
Mais que um retrato, — um grupo de família,

Esquecido também, numa parede,  
Enodoada de sombra e de silêncio  
E dum brando sorriso de ironia,  
Vindo, como através das eras mortas,

O pobre tolo observa-se ; folheia  
Um álbum de família. Vê seus Pais,  
Seus Avós, é uma turba de fantasmas  
Que se indefine e perde, na distância.  
Observa-se, encantado e dolorido.  
Fica suspenso, atento, como à espera  
Duma luz que o silêncio lhe dissipe,  
Dum grito que lhe rasgue a escuridão.

## XCIII

Desejas conhecer-te ! Eis o castigo...  
Pois a ignorância é crime, pobre tolo !  
Se tu, fatal e trágico, sondasses  
Uma lágrima apenas dos teus olhos,  
Uma gôta que fôra do teu sangue !  
Que te diria dêste mundo a lágrima ?  
E da origem dos deuses ? Uma gôta  
De sangue, ao desvendar-te os ígneos seios,  
Te carbonisaria, de repente,  
Como se as portas infernais se abrissem,

Diante de ti, de par em par!

O inferno,  
Onde os negros Titans forjam, em bronze,  
As nossas crudelíssimas angústias!

## XCIV

O cisco, a cinza, a poeira vão caindo,  
Nos velhinhos retratos esquecidos,  
Até que o som divino da Trombeta  
Varra a poeira e a teia das aranhas!  
E as antigas molduras carunchosas,  
Penetradas de seivas aprilinas,  
Hão de reverdecer alegremente.

## XCIV

Cobrirá-se de cinza o pobre tolo.  
Mas sacode-lh'a o vento, que estremunha;  
E, alvoroçado, corre, perturbando  
A emudecida quietação da noite.  
Reanima-se o rescaldo. Nova tinta  
Vermelha cresce, alastra, nos tições  
Escuros e apagados. Novas flamas

Sobem, no ar, sedentas e febris,  
Como em procura de humidade.

O triste

É delirante incêndio que desperta.  
Um demónio arregala os olhos rubros,  
Na escuridão nocturna ; e as êrmas formas  
Da impassível Natura se alevantam,  
Abstractas, como nuvens, e pesadas  
E densas, como bronzes.

A idiotia

Do tolo novamente se exaspera.  
A cinza aérea esvai-se ; e tôda a côncava,  
Enegrécida abóbada celeste,  
É um brazido de estrêlas a fulgir...

Vêde o sonho fantástico do Génesis  
Que, em preciosas pedras, cristaliza.  
A raínha Semiramis, no espaço,  
Constrói architaturas de esplendor ;  
Jardins de luz, suspensos, dominando  
Enormes Babilónias espectrais.

O sonho cristalisa, arrefecendo,  
Em rubis, esmeraldas, diamantes,  
Risos de Lucifer, arestas vivas,  
Rompendo a etérea sombra, refulgindo,  
Nas alturas chiméricas, sem fim!

A própria estrêla é sonho arrefecido...



## XCVI

Arde, delira o tolo. Canta e dança,  
Nos braços da loucura, irmã do vento.  
O vento é a sua mesma inspiração;  
Quando se exalta, leva-o, pelos ares,  
Por cima de arvoredos e silvedos.  
Embrandecido, é a flauta que suspira  
E cadenceia, triste, os seus bailados.

## XCVII

E canta, embriagado, o pobre tolo!  
Como todos os tolos da Poesia,  
Só de cheirar o vinho se embriaga.  
E dança com as sombras do crepúsculo,  
Em volta do seu túmulo, que é o berço  
Do seu espectro. E dança com o zéfiro,  
Que é o fantasma ideal do seu desejo...

E canta, porque a infância lhe sorri...  
Um sorriso que doira os êrmos píncaros  
Do soturno Marão do esquecimento...

E enlevado e inspirado, o tolo dança,  
Nos braços dum espectro encantador.  
Quem dança, nesta vida, com a morte,  
Dança, depois de morto, com a vida.

Aquela etérea figurinha de oiro  
E rosa escureceu ; é como sombra  
Caída dum cipreste, à luz da lua,  
Caída sôbre a tampa dum sepulcro.

E aquela sombra dança com o tolo,  
Ao luar, alva cinza, luz pasmada...  
A idiotia da noite aureolando  
A frente dos penedos e dos mágicos.

### XCVIII

Nasce o luar para os êrmos cemitérios ;  
É o mármore das campas pobresinhas...  
A cal branca dos velhos campanários,  
Das pequenas ermidas que reluzem  
Na solidão dos montes. Nasce a lua  
Para os mochos nocturnos, para os lobos  
Famintos, esqueléticos, parados,  
Sôbre rochas de bronze em pedestal  
Para as fontes que choram, nasce a lua...  
Para as ruínas de Memfis, no deserto,

E para as brancas velas, no alto mar...  
Para os tolos da ideal melancolia,  
Êsses visionários do crepúsculo,  
Que se vestem de luto, ao pôr do sol...  
E para os sacerdotes do Silêncio  
Que, à sombra das Pirâmides, celebram  
Ignotos ritos, em louvor da Esfinge...

O luar é para almas de luar  
Que adoram a penumbra e aquele vago  
Em que tôdas as cousas se indefinem,  
E são revelações misteriosas  
Do espírito infinito da Natura.

O luar quando nasce, é para as almas,  
Irmãs do pobre tolo, descendentes  
Duma nuvem perdida. Outras, descendem  
Dos trágicos penedos da montanha.  
Não há rude pedreiro que as trabalhe;  
Criam o musgo na calva empedernida  
E ralham com os ventos, tôda a noite!

## XCIX

Sim, as almas irmãs do pobre tolo  
Descendem duma nuvem, ficam sendo  
Uma perpétua nuvem. Os espíritos

Aéreos, que as torturam, lhes impõem  
Aspectos de anjo, formas divinais.  
Ardem nos áureos fogos do sol posto,  
E as açoita, sem pena, a tempestade!  
E súbitos relâmpagos lhes rasgam  
Os melindrosos seios! Mas a aurora,  
Para êles, tem o seu melhor sorriso...  
E, sôbre êles, a lua que aparece,  
Esparge o pó mais fino e prateado...  
E as almas descendentes duma nuvem,  
São elas que, entre as árvores da terra,  
Fazem cantar as fontes...

## C

Vêde um triste

E pobresinho tolo que descende  
Duma nuvem do mar. É só ternura  
E um silêncio profundo que lhe encobre  
O lívido perfil; spectralisa-o.  
Prolonga-lhe as orelhas e o focinho,  
Porque as orelhas vão atrás da música  
E o focinho, no rasto dos aromas...

Voga, ao sabor do vento, o pobre tolo.  
Voga, embalado em ondas de chiméra...  
É nuvem... que delícia! Dorme, voga...

Mas, de repente, acorda em sobressalto!  
Da indecisão irrompe, como as fragas,  
Ao hálito da aragem matinal.  
É êle, em carne viva, sôbre a ponte.  
Vulto que, à luz do dia, se recorta,  
E se o ferirem, grita, e bota sangue!

Caímos todos, nascendo, numa rêde  
Sensível, que se torna incandescente,  
Quando, loucos, tentamos destruí-la!

## CI

O tolo dorme ou vela. Concentrado,  
Na sua funda intimidade, dorme...  
E vela, regressando à superfície,  
Ao contacto das cousas naturais.

Real e imaginário, o pobre tolo  
É sombra e tôsca pedra ; mas, entre elas,  
Medeia um outro espaço, que permite  
A estranha e milagrosa coexistência  
Da realidade, um fúnebre esqueleto,  
E da sombra, que é sonho reduzido  
À expressão derradeira e transcendente  
Da substância imortal do nosos sêr...  
— Medeia a carne e o sangue da Tragédia ;

Este painel que leva a nossa efígie,  
Pintada a tinta rubra. Nós lá vamos!  
Lá vai a nossa efígie dolorosa,  
Pintada num painel! Lá vai, nas mãos,  
Do velho Preto, que percorre a feira,  
Clamando: *Vêde o grande e horrível crime!*  
Há figuras, a rir, batendo as palmas,  
E outras, cheias de espanto! O Preto clama:  
*Vêde a história do grande e horrível crime!*  
E a multidão de máscaras vermelhas  
Explode em risos, guinchos, gritarias!  
Uma falsa alegria, que os seus gestos  
E as suas incoerentes atitudes  
São contracções casuais e inanimadas  
Dum pobre mono de papel, ao vento!  
E o Zé Preto, no meio do arraial,  
Nas mãos, sustenta a nossa vera efígie,  
Pintada a sangue, num painel escuro:  
Sinal de agouro, em noite medieva.

## CII

Real e imaginário, o pobre tolo  
É nuvem que se imbebe de oiro, ao sol;  
De prata, à luz da lua; mas de bronze,  
Quando o céu, revestido de asas negras,  
É tórvo pesadêlo da paisagem.

## CIII

A loucura serena é uma elegia ;  
É de marfim ou prata o seu perfil...  
Como a loucura é uma tragédia e tem  
Incandescente máscara infernal.

## CIV

A idiotia, um êxtase... lagôa,  
Onde, inerte, flutua ignota Sombra.  
Mas, se desperta o zéfiro da tarde,  
A Sombra treme, hesita, e se desmancha  
Num tumulto de sombras confundidas.  
E o tolo treme ; e, pálido, contempla  
Êsse Vulto, caótico, a elevar-se  
Das águas agitadas e medonhas.  
E uma voz lhe pergunta : Quem és tu ?  
E uma voz lhe responde : Sou a morte !  
Sou a morte, a verdade. Tudo o mais  
É mentira... : Mentira é o céu e a terra.  
O céu é fantasia do Demónio,  
Para as almas sofrerem maior dôr,  
Com a ideia terrível de que vivem

No inferno, quando existe, além das nuvens,  
Um paraíso eterno de delícias!  
De outros negros assuntos lhe falou.  
E fala e não se cala! Porque a morte,  
Como a loucura, é fêmea. No seu ventre,  
Os espectros encarnam; mas devora-os!  
Devora e não engorda! É sempre a mesma  
Caveira ressequida.

## CV

O pobre tolo,  
Atarantado, treme. Quer fugir!  
Também, ao vento, as árvores parecem  
Fugir da própria sombra enlouquecida.  
Mas criaram raízes tão profundas!  
O tolo criou raízes numa fraga!  
Não foge! Está no meio de fantasmas,  
Que são tôdas as cousas da natura,  
Sob a maga influência crepuscular  
Da sua idiotia milagrosa,  
Que imaterializa as penedias  
E os remorsos e as máguas petrifica...

Este mundo é remorso para o tolo;  
Mas pairam, altas, no ar azul, as suas  
Mais íntimas saudades. São remorsos



As pedras, como as núvens são lembranças.  
Tem os olhos pregados numa núvem  
E fere os pés nas pedras... E não sai  
Dentre a pedra que o fere e a núvem negra  
Que lhe congela a frente! O pobre triste!  
Não sai de ali! Não pode libertar-se,  
Até que dêle reste unicamente  
A alma e o esqueleto: sombra e mármore.

## CVI

Antemanhã gelada. Um oiro triste  
Reveste as êrmas névoas do Marão;  
Espêlha-se no vidro liquifeito  
Que deslisa debaixo dos três arcos  
Da ponte, a destacar-se, na penumbra...  
Ao longe, as névoas doiram-se, por fóra;  
E doira-se, por dentro, o pobre tolo.  
Está doirado e triste, como as névoas,  
Doirado por um sol que vai nascer...

## CVII

Contempla as verdes águas fugidias,  
Onde os verdes salgueiros se retratam,  
Surpreendidos, imóveis e suspensos!

E, na sua memória, íntimo espelho,  
Contempla outras imagens, que aparecem,  
Cheias de claridade, ou quási incertas,  
Num fundo escurecido e perturbado:  
As proximas, a tinta colorida;  
As remotas apagam-se, imitando  
No último instante, o esbôço inicial.

Vê máscaras violentas de expressão,  
Como sonâmbulas visões febrís,  
Entre sanguíneas chamas que deliram...  
Vê máscaras de mística beleza,  
Nas quais se ocultam róstos já divinos.  
Vê, para além da máscara do Negro,  
A cara do Demónio; e, além do teu  
Vulto, Senhor Gonçalves elegante,  
Vê-se a mesma pessoa da Elegância.  
E, detrás do teu busto, Eleonor,  
Todo em marfim de piedosa imagem,  
Floresce o Lírio eterno de Belem.  
E na tua postíça cabeleira,  
Ó solitário Nozes vagabundo,  
Mal se esconde o remorso de Caim!  
E, atrás do doido enorme de Quintela,  
Vê-se a própria Loucura, a transmitir-lhe  
A sua alma negra, irmã do Céos!  
E quem és tu, Chichilro? Tu és o Nome  
Feito caricatura! Deus, o Verbo,  
Caído no ridículo! da mesma  
Sombra espectral do triste Rocinante,

Maior que Dom Quixote, mais humilde,  
Mais idealista e magro, e quatro vezes  
Casado à poeira esteril da planura!

## CVIII

O tolo vê, mas fica neste pasmo,  
Chamado idiotia... Vê, mas fica  
Mergulhado nas trevas, onde apenas  
Afloram vagas máscaras do Drama:  
O que existe, nas cousas, ao alcance  
Do nosso olhar inquieto, aquela face,  
Já de tão revelada, inexpressiva,  
Que eternamente volve para nós.

## CIX

Não vai além de ver o pobre tolo!  
Vê a Roma cantada por Virgílio,  
E a Roma de Lucrécio em negro mármore,  
E a Roma alegre, tôda em flor, de Horácio...  
Mais a Roma de Nero; e, diante dela,  
Esse busto de Séneca aterrado!  
Vê mártires, na arena; e multidões,  
Explodindo em frenéticos aplausos!  
E vê S. João compondo o Apocalipse,  
Com a testa cingida de relâmpagos!

Brutus perante César, que é o fantasma  
Do seu destino! Vê Platão, à sombra  
Das enormes Pirâmides... Vê Júpiter  
Lançando o fogo aos horizontes! Vê,  
Na gruta do Carmelo, S. Jerónimo.  
E vê Mário nas ruínas de Cartago,  
E Ovídio, no selvático destêrro.  
Vê Plínio, sob as lavas do Vesúvio,  
E as ondas, sob o látego de Xerxes;  
E a noturna rainha de Sabá,  
Constelada de pedras preciosas,  
Sob uma umbéla branca de luar...  
Semiramis, sósinha, passeando,  
Em seus jardins aéreos e suspensos,  
No doirado silêncio das estrelas...  
E a formosa Cléopetra do Egito!  
Diabólica e divina! Aparição  
Do amor e do pecado, transportada,  
Entre aromas da Arábia e sons de flautas,  
Na galera de cedro e de marfim...

E a pétrea esfinge brame! E o seu bramido  
Repercute-se ao longo do Deserto...

Obseções de espírito remoto...  
Peregrino que vem lá dos profundos,  
Enegrecidos tempos, apoiado  
Ao seu cajado de luar...

## CX

O tolo

Vê desenhos, imagens, simulacros,  
Fantasmas já libertos de Existência,  
Como vê pedras, núvens e arvoredos.  
E os seus olhos, abrindo-se, nas trevas,  
São fontes de saudosa claridade.

O tolo, abrindo os olhos, ilumina  
A paisagem noturna; e o seu perfil  
Tem um fulgor argênteo, na penumbra.

È, de bem longe, a sombra do seu par,  
Ao descobrir o tolo, lhe sorri...  
A sombra do seu par! Uma alegria,  
Quási desvanecida, na distância...  
Mas não se desvanece. È, diante dêle,  
Baila e sorri, naquêle espaço etéreo,  
Onde as almas convivem com os Deuses...  
Lá onde a Primavera idealisa  
Novas flôres de sonho, nunca vistas,  
Que hão de esmaltar a terra...

## CXI

O pobre tolo

Desce das altas brumas, e contempla  
Outras imagens vivas. São as horas  
Que atravessam a ponte, dia e noite.  
Desde remotos tempos, atravessam  
A ponte, à luz do sol e à luz da lua.  
Um atrás das outras, vão passando,  
Desde remotos tempos, sôbre a ponte!  
São anjos e demónios pervertidos,  
Com as asas na lama dos monturos,  
Depenadas de todo, transformadas  
Em braços condenados ao trabalho,  
Ao crime horrendo e aos gestos da aflição!  
Inconformáveis, dolorosas, passam...  
E em desordem, declamam, choram, gritam!  
Ou recolhidas num silêncio abstracto,  
Se libertam nos vôos da fantasia...  
Mas os gritos e as loucas atitudes  
Tomam presença e vida, como estátuas,  
Sob os olhos da lívida Chimera.  
O ar sofre aquelas vozes e desenhos  
Incoerentes e doidos; e transmite  
As suas impressões à estrela Sirius...  
Mas a estrela, sorrindo, não diz nada.

## CXII

A idiotia do tolo resplandece.  
E as sombras encarnadas, porque o sol,  
Nascendo, as veste dum tecido vivo,  
Molhado em rubro sangue, vão passando,  
Na ponte de granito, sôbre o Tâmega.

Passa uma noiva. Entra no templo. Vêde-a,  
Tão alegre e iludida! Nem se lembra  
Que, sob aquela tampa sepulcral,  
Onde ajoelhou, corada de pudor,  
Escondida na terra, uma caveira  
Se fica a rir de todos os noivados.  
Passa a doida de Ermêlo, ao vento agreste!  
Esfarrapada e linda, os seios nus,  
Onde as gôtas da chuva tremeluzem  
E são, fugindo, desprendidas pérolas.  
Passa a velha *Gravuna*, muito suja,  
Em traços envolvida, a escorrer lama.  
É barro a despegar-se-lhe dos ossos.  
Pragueja, rói palavras contra a sorte,  
E perde-se na noite sempiterna.  
Passa o *Pedro* assassino, que vai prêso.  
Quer agredir os cabos, pronuncia  
Injúrias, impropérios; mas, de súbito,

Mostra, na cara, *um outro* que é inocente...  
E passa o *Pedro Bento*. Quando fala,  
Consigo mesmo, luta! A sua voz  
E o seu perfil discordam, como o som  
Duma guitarra e a bôca dum piano!  
Passa o *Salvé Rainha* da doutrina;  
E o seu chapéu benzido, e a sua capa,  
Que é retalho espectral de fria sombra,  
Caído das paredes duma igreja.  
Toca viola, nos míseros casebres,  
Onde há crianças mortas. Acompanha,  
Cá dêste mundo, a música dos anjos!  
Porque os anjos recebem, lá no céu,  
Com alegres festejos e bailados,  
Os seus irmãos da terra!

Passa um mocho

E o seu noturno cântico funéreo...  
E um rouxinol cantando para os vivos;  
E assim para as donzelas, que morreram  
Na flôr da sua idade! Têm o sono  
Tão leve, que despertam, de manhã,  
Ao bater-lhes, na tampa do sepulcro,  
Esse primeiro hálito da luz...

Passam dois vultos, rentes às paredes...  
Incógnitos na sombra, que os transtorna...  
E recordam goiescas fantasias,  
Esboçadas, a rir, pelo Demónio...



Passa a Justiça, velha mocetona,  
De olhos vendados e de espada à cinta;  
Lá vai *correr o galo*, no entremês...

A autêntica sorri, além das núvens.

Passa a Misericórdia e os seus irmãos,  
Graves, solenes, íntimos do Altíssimo.

A autêntica sorri, além das núvens...

Passam cabras magrinhas e cornudas,  
Vitelas de presépio, touros bravos,  
Que vão ser imolados a uma deusa:  
A Fome negra que escurece o mundo.  
Lá passam, vão passando aquêles chifres  
Volvidos para o céu, mostrando o céu  
Aos brutos que não olham para cima!  
Passam feirantes, almocreves, velhos  
E mancos de muletas, peregrinos  
E o seu perfil longínquo, enevoado  
Da distância a que fica a Terra Santa...  
E mendigos de tôdas as idades;  
Crianças mutiladas que se arrastam...  
Inverosímeis aleijões macabros,  
Rubras bôcas de chagas, e uma voz,  
Lamuriosa e roufenha, numa súplica,  
De dôr em dôr, entoada, desde a orígem  
Do lusitano verbo criador...

E airoas serigaitas, borboletas,  
Salpicadas de lôdo, revelando  
O verme originário, que persiste  
E estende ao sol as asas maculadas.  
E donzelas, a rir, cheias de graça,  
Os fios soltos do cabelo, ao zéfiro,  
E vestidas de luz até aos pés.

## CXIII

Passam horas diurnas e noturnas...  
Um préstito infindável. Vai, à frente,  
De opa vermelha, o cómico Chiléu.  
Abre caminho à fôrça! Barafusta!  
E berra contra o povo, acumulado  
Entre as guardas da ponte inabaláveis!  
Transpira! Os próprios Santos lhe têm medo!  
Os anjinhos contemplam-no, a tremer!  
Sob o negro madeiro, vai Jesus,  
Atrás dêle, banhado em suor e sangue.  
E aquela opa, incendida, que dirige  
O préstito infindável e solene,  
Zanga-se ainda, ameaça, quer abrir  
Caminho, à viva fôrça! A garotada  
Ri-se do pobre! E o pobre perde o tino,  
E gesticula e berra! É labareda,  
Trapo vermelho, a flutuar, ao vento!

Mas vem, à tarde, o luar. As horas vivas  
Desbotaram de todo. São figuras  
De cêra, no seu hábito funéreo.  
O sacristão, de triste, desmaiou.  
A sua opa enraivecida, agora,  
É qual resíduo frio duma chama.  
Lá vai, desanimado e emudecido,  
Com uma tocha acêsa nas mãos lívidas...  
Lá vai, atrás do esquife de Jesus.  
A procissão do Entêrro, ao pôr do sol ;  
Duas filas de luzes amarelas  
E de sombras doridas, que atravessam  
A ponte de granito, tapetada  
De lutuosos crepes... essa ponte  
Espectral que negreja, lá em baixo,  
Nas águas abismáticas do Tâmega.  
Sombras e sombras mudas vão passando ;  
Opas negras e tochas acendidas...  
Um préstito de mortos. Acompanha  
O cadáver de Cristo, o rei dos mortos.

## CXIV

O tolo vira o lúgubre cortejo ;  
O tolo e as velhas árvores atentas  
Até aquela pétrea quietação  
Da Dôr, que se transforma numa estátua.

Os seus olhos mais fundos se tornaram ;  
E o seu rôsto mais lívido e sósinho...  
Cai-lhe a fôlha, emagrece ; e o vento geme  
Nas suas grandes orelhas perfiladas,  
Hirtas e destacadas no crepúsculo.

È o nevoento inverno que o descarna,  
Como perturba a música celeste  
E a dôce união das almas com a terra.

O inverno ama o silêncio e as côres murchas.  
Vêde o pintor do roxo e do cinzento.  
Sabe-lhe tudo a roxo dolorido,  
Como se mastigasse violetas.  
Tudo lhe cheira a cinza, que é o perfume  
Dos lares apagados...

E, por isso,  
Scisma, cinzento e roxo, o pobre tolo...  
Dilue-se em transparência...

Noutros tempos,  
Condensava-se em máscara abrazada  
De vida ! Agora, triste, mal esboça  
Agoirento perfil que se prateia  
E surge, numa ténue claridade.

Fugiu-lhe o alado Pégaso. Ficou  
Extático e alheado... Não é mais  
Do que um nariz, no ar ; e, em derredor,  
E dentro dele, um vago escuro, um frio  
Esquecimento abstrato que lhe causa

A sonâmbula e etérea sensação  
De se ter convertido em nevoeiro.  
Abrange tudo, tudo! E não consegue  
Tocar em nada! As árvores e as pessoas  
São espectros; e a ponte de granito  
Como ilusório traço, pretendendo  
Ligar as duas margens ilusórias...

Há sombras que aparecem, na pequena  
Iluminada faixa... E, de repente,  
Num ai de fumo vão, desaparecem!  
E nem ligeiro rasto...

O pobre tolo

Perdeu as asas loucas, depenou.  
Perdeu a carne e o sangue; e tem um môcho  
Nas peludas orelhas, crucitando...  
Tem, na cabeça, as brumas do Marão;  
E, nos seus olhos, todo o luar caído  
Sôbre as velhas ruínas e os sepulcros...

É já uma expressão da Natureza,  
Uma noite de outono, um sol que morre  
E incendeia paisagens de tragédia,  
Nas nuvens do poente...

## CXV

O pobre tolo  
É já uma expressão das cousas êrmas ;  
O ignoto sentimento em que elas jazem,  
Quási transfiguradas, ao luar...  
Scismam, petrificadas, contraídas,  
No seu aspecto morto, desde o instante  
Em que a terra apagada, se cobriu  
De florestas, de bichos e fantasmas.

## CXVI

O tolo é sombra de árvore sem raízes,  
Tôda em ramos erguidos para o céu,  
Numa anciedade infinda!

É sombra de árvore...  
Sombra que a dor pintou. Cavou-lhe os olhos,  
Dilatou-lhe as orelhas de maéstro  
E o cómico focinho de filósofo...  
Uma espécie de astrólogo e jumento,  
Que sabe ler nos astros e descobre  
Os anjos do Senhor. Um pobre triste  
E exótico animal... Aquele espectro,

Orelhudo, lanzudo! É tão sensível!  
Como que estilizado pela fome  
De lírios, de jasmins e de outras flores,  
Que a primavera tem, na fantasia,  
Mas não as pôde ainda realizar!

## CXVII

Nas alturas do Olimpo, somos anjos,  
Demónios acendidos! Neste mundo,  
Somos fantasmas, sombras, aparências.  
Lá, é que arde e crepita a Labareda!  
Aqui, é tudo fumo, ondeando, ao vento,  
Pobres almas viúvas que procuram  
Seu verdadeiro corpo, irmão do sol!  
Chamam por êle! Gritam, num desejo  
De novo nascimento e nova luz!

Assim os mortos sonham ressurgir...  
E, sonhando, se vestem duma escura,  
Mas visível imagem que aparece...  
E os mortos aparecem, ao luar;  
Aparecem aos homens assombrados!  
Metem-se-lhes nas almas delirantes  
E proferem palavras de mistério...  
E olham, pelos seus olhos, êste mundo;  
Ficam-se a olhar num êxtase sem fim:  
Êxtase que é a idiotia dos Poetas.

## CXVIII

Aparecer é tudo... Cada cousa,  
Cada figura humana, representa  
Uma vitória máxima da Vida...  
Realizada chimera, para além  
Da qual já nada existe...

Aquela rocha,  
Naquele outeiro, está, como suspensa  
No Vácuo indefinido... Os seus relêvos  
São, como os desta fôlha ou gôta de água,  
As materializadas e supremas  
Condensações dum ímpeto ideal.

## CXIX

Aparecer, nascer, é o eterno sonho  
Das almas e dos mortos. Ser penedo  
É o sonho da ternura. Ser alegre  
É o sonho da alegria. O próprio Deus  
Se fêz humana carne para ter  
Este corpo dramático, existente,  
Que dá sombra de dor e luz de amor.



## CXX

O mundo é enorme templo, com estátuas ;  
Obras primas da angustia e da alegria :  
Estas, em névoa ; aquelas, em fraguedo ;  
Umás, doidas, em lava do Vesúvio ;  
Outras, alvas, serenas, esculpidas  
Em neve, igual à neve que branqueja,  
Nos pincaros mais altos do Marão  
E na tua cabeça, pobre tolo !

Mas os homens e as cousas se indefinem  
Nas nublosas distâncias da Natura,  
Lá, onde é tudo irmão no mesmo Sêr.

## CXXI

O tolo é sombra de árvore, ao luar,  
E sombra de arvoredo... Aquele vulto,  
Longe e perto ; confuso e destacado !

Sômos a multidão ; e, ao mesmo tempo,  
Alguém que vive, porque é sangue e carne  
E existe, porque é pedra de esqueleto !

Sômos nós, sômos nós, em várias fôrças  
E contrárias tendências, que, em opostos  
Sentidos, nos impelem! Tacteamos,  
Avançando, recuando, ladeando,  
Como pobres jumentos, às escuras,  
Sangrentos das esporas, que o espicaçam  
E levam, para a frente, brutalmente,  
E das rédeas que o puxam, para traz!  
Escouceiam, orneiam... De que serve?  
Ferem o ar as indignadas patas!  
Não chega ao céu aquela voz de lágrimas!

## CXXII

Sômos a turba imensa e clamorosa,  
E não sômos ninguém! Nós sômos deuses  
E demónios, o Olimpo, o negro Inferno!  
E não sômos ninguém! A nossa alma  
É de origem divina, E, de tal modo,  
Aparece, na rua, que provoca  
A hilaridade alvar dos transeuntes.  
Tem o raio de Júpiter, nas mãos...  
Olhai: é uma bengala. Tem, nos lábios,  
Aquele verbo criador da luz!  
Gagueja a pobre triste... Não diz nada...

## CXXIII

O tolo é como prestito infindável  
De fantasmas e deuses. Lá vai êle,  
No sítio mais exposto aos inimigos.  
É labareda efémera, afrontando  
A eterna escuridão, o eterno frio.

Lá vai, em carne viva, sôbre a ponte,  
E já reina entre os mortos... É um espectro,  
Feito de aéreo fumo, que se tingem  
Na linfa do luar, no sangue rubro  
Do sol poente. E os nervos lhe percorre  
Não sei que fina inquietação de dor,  
Que, torturando-o, geme no arvoredo,  
Treme no orvalho acêso das estrêlas  
E sobressalta o pó dos cemitérios...

E, em certas horas, clama: *Eu sou! Eu sou!*  
E exalta-se, gritando: *Creio em Deus!*  
*E creio na alma eterna!* Mas, de súbito,  
O mísero emudece, cai por terra.  
Cai, das nuvens, na ponte. Em volta dêle,  
Um tenebroso Vácuo, sem limites.  
Quer ver, consulta os sábios e os poetas.  
De longe a longe, um verso transcendente  
Acende uma discreta claridade.

Misterioso caminho indefinido  
Parece que se esboça, no negrume.  
Alvoraçado e alegre, se dirige  
Naquela direcção ; mas o luar,  
Estremecendo, se desloca e afasta ;  
É como fogo-fátuo melindroso  
E sensível ao hálito mais brando.

O pobre tolo nada vê, por fim.  
As trevas o dominam.

Satanaz

Vence, porque é evidente ; e Deus apenas  
Se deixa vagamente pressentir...

Entre um Demónio certo e um Deus incerto,  
O triste dilacera-se nas garras  
Da dúvida feroz ! Não acredita  
E acredita : duvida ! O pobre tolo  
É e não é, existe e vive. Tem  
Um corpo material que o prende ao mundo ;  
E um fantasma que o leva, de astro em astro,  
Para depois o abandonar no Céos !

#### CXXIV

O tolo, como as crianças, acredita.  
E descrê, como os velhos. Mas a crença  
E a descrença originam essa dúvida

Em que o pobre maluco se debate!  
Afirma e nega! É sim e não: talvez!  
Agarra-se, com fôrça, a esta palavra,  
Qual afogado à sombra de alto ramo  
Que flutua no rio cristalino.  
Mas, apesar de ser aquela sombra  
Imaginário ramo simplesmente,  
Sustenta-o, na verdade, à tóna de água.

## CXXV

Neste debate, o pobre se consome.  
Arde no fogo vivo, que o deslumbra!  
Apaga-se num fumo, que lhe turva  
Os olhos espantados. E aparece;  
Mostra a marfínea face de luar,  
Numa clareira azul...

E fica atento,  
Ensimismado, inquieto, como à espera  
De ouvir ignota Voz reveladora...  
Reveladora voz que, dentro dêle,  
Quer falar e não pode! Se falasse,  
O mundo voltaria a ser estrêla.  
E, de cada animal transfigurado,  
Irromperia um deus! E dêsses velhos  
E carcomidos troncos nasceriam  
Ninfas de luz bailando com os zéfiros...

## CXXVI

Sim, duvida se existe ou não existe,  
Porque existir é ser amado. E o pobre  
Deu-se, entregou-se todo áquela imagem  
De oiro e rosa, a esconder-se, na distância.  
Mas não se esconde. É cada vez mais clara  
E mais insinuante... Quanto mais  
Longínqua mais presente...

## CXXVII

O pobre tolo,  
De tanto amar, é vã quimera! Lembra  
Uma nódoa de fumo, à luz da lua  
Ou rôxa fantasia do crepúsculo.  
Deu-se à mulher, à terra, à noite escura...  
A mulher transformou-o num pobre tolo,  
Sentimental, aéreo, seduzido,  
Prêso a um rasto de aroma que se esváia...  
A paisagem fêz dele o espectro errante  
Duma árvore outonal que perde a fôlha...  
Fêz dele a noite a imagem do mistério.  
Conhece bem a terra, porque teve

Raízes, noutros tempos ; e conhece  
O céu, porque tem ramos e folhagens.  
Conhece os homens, porque é sombra de árvore...  
Também conhece os anjos e os demónios,  
Que transitam na ponte, disfarçados  
Em miseráveis corpos, ocultando  
Na máscara pintada e arrefecida,  
Aquele rosto em braza, aquela chama  
Do ígneo Verbo de Deus original.

## CXXVIII

O tolo vê, nas horas passageiras,  
A divina substância intransitória,  
Como através da véstia do Silvino,  
Enlouquecida e viva, a esfarrapar-se,  
Vê Júpiter brandindo o raio acêso!  
E vê a idade de oiro, no sorriso,  
Emília, que ilumina a tua face.  
E, num jumento, erguendo, para o sol,  
O lírico focinho, o pobre tolo  
Ouve, extasiado, a voz da Primavera...  
E a da morte, no cântico do môcho...  
E, nos olhos em sangue daquêle homem,  
Vê lampejar a gula do Demónio!

## CXXIX

O pobre tolo deu-se inteiramente.  
Ficou mais vago ainda, mais alheado  
É mais atento à música dos astros...  
É o seu perfil mais fino e luarento,  
Recortado na lívida penumbra,  
Entremostrando manchas de desertos,  
Enormes solidões dum mundo morto.

## CXXX

O tolo é vaga sombra humanizada...  
A imagem esquelética da Fome ;  
Fome de miosotis, bem-me-queres  
E de outras flores da terra inconcebidas...

Scismático, divaga sôbre a ponte ;  
Devaneia, nas nuvens... Alumia-se  
De branda transparência... Através dêle,  
Esfumam-se contornos de paisagem,  
Silhuetas de bichos e de deuses...  
Nos seus gestos, há ramos tremulando ;  
Tem murmúrios de vento a sua voz ;



E a sua humana sombra se confunde  
Com a sombra das árvores lendárias.  
É tudo, menos êle, o pobre tolo!  
Esta ideia o tortura! Há quantos anos,  
Que se procura e evita, ao mesmo tempo!  
Que seria de ti, se te encontrasses,  
Nesse abismo da tua intimidade,  
Face a face, contigo? Nesse abismo,  
Onde sofrem as almas penitentes,  
Gemendo, sob o pêso do teu sêr?

Que seria de ti, meu pobre tolo?  
Morto de espanto, acaso, ficarias?  
Ou morto de cruel desilusão?

Viverias, enfim, a tua vida,  
A vida original, a vida eterna,  
Que só vivem os anjos e demónios!

Mas não é êle ainda, sôbre a ponte;  
É apenas a Idiotia, aquela imagem,  
De palidez anímica e funérea,  
A aparecer na escuridão nocturna...

